

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ELIETE JESUS PORTO**

**CONTRIBUIÇÃO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR NA FORMAÇÃO  
ACADÊMICA DE ESTUDANTES DA COMUNIDADE RURAL DA AGROVILA DAS  
PALMEIRAS, SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER – MT: UMA ANÁLISE  
TERRITORIAL DO LUGAR**

**Cáceres – MT  
2023**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ELIETE JESUS PORTO**

**CONTRIBUIÇÃO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR NA FORMAÇÃO  
ACADÊMICA DE ESTUDANTES DA COMUNIDADE RURAL DA AGROVILA DAS  
PALMEIRAS, SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER – MT: UMA ANÁLISE  
TERRITORIAL DO LUGAR**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Geografia para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

**CÁCERES – MT  
2023**

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

P839c PORTO, Eliete Jesus.  
Contribuição da Iniciação Científica Júnior na Formação Acadêmica de Estudantes da Comunidade Rural da Agrovila das Palmeiras, Santo Antônio de Leverger-MT: Uma Análise Territorial do Lugar / Eliete Jesus Porto - Cáceres, 2023.  
93 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

1. Iniciação Científica. 2. Produção de Conhecimento. 3. Contribuição da Iniciação Científica. I. Eliete Jesus Porto. II. Contribuição da Iniciação Científica Júnior na Formação Acadêmica de Estudantes da Comunidade Rural da Agrovila das Palmeiras, Santo Antônio de Leverger-MT: Uma Análise Territorial do Lugar: .

CDU 37(817.2)

**ELIETE JESUS PORTO**

**CONTRIBUIÇÃO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR NA FORMAÇÃO  
ACADÊMICA DE ESTUDANTES DA COMUNIDADE RURAL DA AGROVILA DAS  
PALMEIRAS, SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER – MT: UMA ANÁLISE  
TERRITORIAL DO LUGAR**

Essa Dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia , junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

**Cáceres, 14 de julho de 2023.**

**Banca Examinadora**

---

Professora Doutora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira  
Orientadora  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Professora Doutora Irenilda Ângela dos Santos  
Avaliadora Externa  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

---

Professor Doutor Evaldo Ferreira  
Avaliador Interno  
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

---

Professora Doutora Beleni Salete Grando  
Avaliadora Externa (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

**Cáceres – MT  
2023**

Dedico esse trabalho ao meu esposo, Valmir Correa (*in memoriam*), vítima do coronavírus no Brasil, com todo amor e gratidão, por tudo que fez por mim ao longo de minha vida. Desejo ser merecedora do esforço dedicado por ele em todos os aspectos, especialmente na minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, na sua infinita bondade, por me acompanhar todos os dias da minha vida e por me permitir realizar tantos sonhos nesta existência.

Aos moradores da comunidade Agrovila das Palmeiras, por participarem da construção deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, pela orientação, competência, profissionalismo e dedicação tão importante. Obrigado por acreditar em mim e não ter desistido, segurando nas minhas mãos para que eu chegasse neste ponto, que é a finalização desta dissertação.

Quero agradecer aos participantes da banca desta pesquisa, pelos apontamentos e a oportunidade de melhorar meu trabalho.

Agradeço à minha amiga Rosilene Maruyama, por me acompanhar nesta jornada vitoriosa, pelos trabalhos e disciplinas realizados em conjunto e, principalmente, pela preocupação e apoio constantes. Seus conhecimentos e dedicação foram fundamentais para que eu chegasse no final desta jornada.

À Euzemar, pelas leituras, revisões, questionamentos e discussões sempre tão produtivas.

Aos meus pais Dalva e Gerson, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

À minha irmã Eslaine e cunhado João e meu sobrinho Guilherme, que nos momentos de minha ausência dedicados aos estudos, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Aos meus filhos Gabriel, João Vitor e Thiago Valmir, sem o apoio dos quais eu jamais conseguiria conquistar tudo o que conquistei.

A todos os meus amigos, meus sinceros agradecimentos, por desempenharem um papel significativo no meu crescimento e devem ser recompensados com minha eterna gratidão.

Aos docentes do PPGGeo - Programa de Pós-Graduação em Geografia, por compartilharem seus conhecimentos com esta pesquisadora e contribuírem para que o desafio pudesse ser vencido, desafio este que teve início com a proposta inicial e finda, agora, com a presente dissertação.

Agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Jani Vanini Cáceres, por me acolher como aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

À Escola Estadual Padre Ernesto Camilo Barreto, pelo apoio concedido, à equipe gestora, aos professores e estudantes que participaram da Mostra/Olímpiadas dos Povos Tradicionais, Indígenas e Quilombolas, em especial ao Professor Odeval, pelo companheirismo nesta ação.

A todos que contribuíram para a realização da pesquisa e que não foram aqui mencionados devido ao esquecimento de momento, deixo registrados os meus sinceros agradecimentos.

À minha família, por todo amor e carinho.

Muito obrigada a todos/as!

## RESUMO

A presente pesquisa foi motivada pela vontade de compreender e ao mesmo tempo evidenciar o impacto da Iniciação Científica Júnior na vida e carreira acadêmica de estudantes oriundos da comunidade rural Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio do Leverger – MT. A importância desta pesquisa consiste na oportunidade de ouvir a voz dos estudantes com relação aos conhecimentos adquiridos e se estes proporcionam crescimento acadêmico e pessoal. O objetivo central desta pesquisa foi demonstrar a importância da Iniciação Científica na formação acadêmica e na decisão profissional de alunos da comunidade rural de Agrovila das Palmeiras. Esta se justifica pela necessidade de conhecer os estudantes que desenvolvem ou desenvolveram pesquisas e qual a importância e contribuições das atividades de pesquisa na sua vida acadêmica e profissional. Para o desenvolvimento do estudo, algumas etapas foram efetivadas, como: revisão bibliográfica, levantamento de informações acerca dos dados históricos e documentais da pesquisa no Brasil e dos programas de Iniciação Científica, com abordagem de campo na implementação e desenvolvimento do Programa de Bolsas de Iniciação Científica. Foram realizadas entrevistas com relatos de experiências, aplicação de questionário socioeconômico de amostra qualitativa e quantitativa para a coleta de dados. Ao adentrar no campo para coletar os dados que permeiam os jovens dessas localidades, foi possível constatar que se pode construir uma análise na qual a realidade seja evidenciada pelos fatos.

**Palavras-chave:** Iniciação Científica. Produção de Conhecimento. Contribuição da Iniciação Científica.



### **ABSTRACT**

This research was motivated by the desire to understand and at the same time highlight the impact of Junior Scientific Initiation on the life and academic career of students from the rural community Agrovila das Palmeiras, municipality of Santo Antônio do Leverger – MT. The importance of this research lies in the opportunity to hear students' voices regarding the knowledge acquired and whether this provides academic and personal growth. The central objective of this research was to demonstrate the importance of Scientific Initiation in the academic training and professional decision-making of students from the rural community of Agrovila das Palmeiras. This is justified by the need to know the students who develop or have developed research and the importance and contributions of research activities in their academic and professional life. For the development of the study, some steps were carried out, such as: bibliographical review, gathering information about historical and documentary data from research in Brazil and Scientific Initiation programs, with a field approach in the implementation and development of the Initiation Scholarship Program Scientific. Interviews were carried out with reports of experiences, and a socioeconomic questionnaire with a qualitative and quantitative sample was applied to collect data. When entering the field to collect the data that permeates the young people of these locations, it was possible to verify that an analysis can be constructed in which reality is evidenced by the facts.

**Keywords:** Scientific Initiation. Knowledge Production. Contribution of Scientific Initiation.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                         |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1. Mapa de Localização do município de Santo Antônio do Leverger-MT. ....                                                        | 23 |
| Figura 2. Mapa de Localização da comunidade Agrovila das Palmeiras, Santo Antônio do Leverger .....                                     | 24 |
| Figura 3. Vista parcial da comunidade Agrovila das Palmeiras.....                                                                       | 25 |
| Figura 4. Vista da comunidade de Agrovila das Palmeiras .....                                                                           | 25 |
| Figura 5. Vista da comunidade Agrovila das Palmeiras .....                                                                              | 25 |
| Figura 6. O detalhe destaca o Assentamento da comunidade Agrovila das Palmeiras.....                                                    | 27 |
| Figura 7. Grupo de mulheres da comunidade de Agrovila das Palmeiras no preparo da farinha de ora pro nobis.....                         | 28 |
| Figura 8. Grupo de mulheres retirando a amêndoa do babaçu para preparação do óleo.....                                                  | 29 |
| Figura 9. Localização geográfica da comunidade Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio de Leverger, MT.....                  | 30 |
| Figura 10. Oficinas de preparo de pães .....                                                                                            | 40 |
| Figura 11. Colheita de sementes para produção de colorau .....                                                                          | 41 |
| Figura 12. Vista parcial do sítio de dona Maria e esposo Wakinagni, comunidade Agrovila das Palmeiras.....                              | 55 |
| Figura 13. No sítio de D. Maria Wakinagni, Agrovila das Palmeiras .....                                                                 | 56 |
| Figura 14. Troca de saberes entre Geraldo Mariano, Doutora Lisanil Pereira e a Prefeita Franciele Magalhães.....                        | 57 |
| Figura 15. Mestre Rosilene Maruyama .....                                                                                               | 58 |
| Figura 16. Dia de campo: comunidade, bolsistas e pesquisadores da UFMT.....                                                             | 60 |
| Figura 17. Estudante do curso de Licenciatura em Geografia na UFMT.....                                                                 | 61 |
| Figura 18. Estudantes de Geografia Daniela e Geraldo Mariano planejando ação para determinar a quantidade de mudas para o viveiro ..... | 62 |
| Figura 19. Preparo de mudas pela comunidade na Semana do Meio Ambiente.....                                                             | 62 |
| Figura 20. Estudantes participando de oficinas no preparo de mudas para o viveiro .....                                                 | 64 |

|                                                                                                                                              |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 21. Professora aposentada e integrante da Comissão de Articulação da I Mostra Científica Estadual, Euzemar Lopes Fátima Siqueira..... | 25 |
| Figura 22. Atividade do Dia do Meio Ambiente .....                                                                                           |    |
| Figura 23. Cartaz da I Mostra Nacional Científica de Povos Tradicionais Quilombolas e Indígenas 2021 .....                                   | 68 |
| Figura 24. Daniela Gonçalves Neto, estudante de Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).....                                 | 72 |
| Figura 25. Troca de experimentações na produção das mudas: Geraldo Mariano e a Doutora Lisanil Patrocínio Pereira .....                      | 73 |
| Figura 26. Mestranda Eliete Porto orientando Luiz Guilherme na produção de texto para a Mostra .....                                         | 75 |
| Figura 27. Feira da I Mostra Científica do Povos Tradicionais Indígenas e Quilombolas.....                                                   | 78 |
| Figura 28. Formatura da Turma de EJA do seu Joelcio em 2022 .....                                                                            | 79 |
| Figura 29. Equipe de mobilização .....                                                                                                       | 80 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|                   |                                                                        |
|-------------------|------------------------------------------------------------------------|
| %                 | Porcentagem                                                            |
| &                 | “e” comercial                                                          |
| BICJr.            | Bolsa de Iniciação Científica Junior                                   |
| BNCC              | Base Nacional Comum Curricular                                         |
| CadÚnico          | Cadastro Único                                                         |
| CAPES             | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior            |
| CEFAPRO<br>Básica | Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação         |
| CNPq              | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico          |
| CNPq              | Conselho Nacional de Pesquisa                                          |
| CONAQ             | Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos                       |
| COOPAMSAL         | Cooperativa Agropecuária Mista de Santo Antônio de Leverger            |
| EJA               | Educação para Jovens e Adultos                                         |
| EMPAER            | Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural       |
| EMBRAPA           | Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária                            |
| et. al.           | entre outros                                                           |
| IBGE              | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                        |
| IC                | Iniciação Científica                                                   |
| IDH-M             | Índice de Desenvolvimento Humano do Município                          |
| IES               | Instituições de Ensino Superior                                        |
| IFMT              | Instituto Federal de Mato Grosso                                       |
| IFMT              | Instituto Federal de Mato Grosso                                       |
| INCRA             | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária                    |
| INEP              | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| n.                | número                                                                 |
| nº                | número                                                                 |
| p.                | página                                                                 |
| PIBIC             | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica               |
| PPP               | Projeto Político Pedagógico                                            |
| SEDUC             | Secretaria de Estado de Educação                                       |
| SEMESP            | Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação                   |
| SEPLAN            | Secretaria de Planejamento do Estado de Mato Grosso                    |

|        |                                                |
|--------|------------------------------------------------|
| SUDE   | Superintendências de Diversidades Educacionais |
| SUDI   | Coordenadoria de Educação Escolar Indígena     |
| SUEB   | Superintendência da Educação Básicas           |
| t      | tonelada                                       |
| TFC    | Trabalho Final de Curso                        |
| UFMT   | Universidade Federal de Mato Grosso            |
| UNEMAT | Universidade do Estado de Mato Grosso          |
| UNESP  | Universidade Estadual de São Paulo             |
| ZSEE   | Zoneamento Socioeconômico Ecológico            |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                        | <b>14</b> |
| <b>CAPÍTULO I – BREVE RELATO SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA EM MATO GROSSO E O FORTALECIMENTO DA PESQUISA DO TERRITÓRIO RURAL....</b> | <b>17</b> |
| 1.1 Agricultura familiar no Brasil.....                                                                                        | 19        |
| 1.2 Um pouco sobre o Município de Santo Antônio de Leverger-MT .....                                                           | 22        |
| 1.3 Comunidade Agrovila das Palmeiras .....                                                                                    | 26        |
| 1.4 Escola do Campo Nagib Saad .....                                                                                           | 29        |
| <b>CAPÍTULO II – PESQUISA E FORTALECIMENTO DO TERRITÓRIO RURAL .....</b>                                                       | <b>33</b> |
| <b>CAPÍTULO III – PERCURSO DA PESQUISA .....</b>                                                                               | <b>37</b> |
| 3.1 A pesquisa científica .....                                                                                                | 37        |
| <b>CAPÍTULO IV - A INICIAÇÃO CIENTÍFICA COMO CONTRAPONTO A EDUCAÇÃO COLONIAL .....</b>                                         | <b>42</b> |
| 4.1 Desconstruindo pressupostos da colonialidade .....                                                                         | 44        |
| 4.2 Por uma pedagogia decolonial na Geografia .....                                                                            | 46        |
| 4.3 Protagonismo juvenil – Direitos humanos .....                                                                              | 50        |
| 4.3.1 Direitos humanos .....                                                                                                   | 50        |
| <b>CAPÍTULO V – INICIAÇÃO CIENTÍFICA: FORTALECENDO TERRITÓRIOS RURAIS.....</b>                                                 | <b>52</b> |
| 5.1 Território, a inserção da comunidade rural tradicional Agrovila das Palmeiras ..                                           | 54        |
| 5.2 Entrevistas com as professoras Euzemar Fátima Lopes Siqueira e Sônia Gonçalves .....                                       | 64        |
| <b>CAPÍTULO VI – RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>                                                                             | <b>71</b> |
| 6.1 Dinâmica temporal do projeto de iniciação científica CNPq na Agrovila das Palmeiras .....                                  | 71        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                              | <b>83</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                        | <b>85</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>                                                                                                          | <b>92</b> |
| <b>ANEXO I.....</b>                                                                                                            | <b>94</b> |

## INTRODUÇÃO

O interesse pela temática deste estudo surgiu durante o percurso no Mestrado em Geografia, tendo em vista que, ao iniciar os estudos junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), o objetivo era desenvolver uma pesquisa centrada no impacto da avaliação na formação dos bolsistas do referido Programa. Contudo, ao iniciar os estudos e as visitas em campo, definimos por outro recorte de pesquisa, assim reelaboramos o projeto para melhor compreender o significado da inserção do estudante da área rural do Ensino Médio em projetos de iniciação científica na sua formação escolar e acadêmica.

Nesse prisma, a presente pesquisa foi motivada pela vontade de compreender e ao mesmo tempo evidenciar o(s) impacto(s) da Iniciação Científica Júnior na vida e carreira acadêmica de estudantes oriundos da comunidade rural Agrovila das Palmeiras, Município de Santo Antônio do Leverger – MT. A importância desta pesquisa centra-se na oportunidade de ouvir a voz dos estudantes com relação aos conhecimentos adquiridos e se estes proporcionam crescimento acadêmico e pessoal.

Este estudo tem como abordagem o modo de vida rural e o impacto que as bolsas de estudos do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq) podem ter na vida dos bolsistas. Trata-se de uma temática que nos estudos da Geografia e de outras ciências tiveram e têm significativa importância. Nos dias atuais, as abordagens do campo estão ganhando novas configurações diante das atuais necessidades que o sistema capitalista exige. Para sustentar esta pesquisa, foram realizadas as seguintes etapas: revisão bibliográfica, levantamento de informações acerca dos dados históricos e documentais da pesquisa no Brasil e dos Programas de Iniciação Científica e pesquisa de campo na busca de informações populacionais e geográficas da comunidade rural Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio de Leverger, em Mato Grosso. A abordagem de campo focou na implementação e no desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

A presente investigação se justifica pela necessidade de se conhecer especificamente os estudantes que desenvolvem ou desenvolveram pesquisas e qual

a importância e contribuições das atividades de tais estudos para suas vidas acadêmica e profissional. Ao adentrar em campo para coletar os dados que permeiam os jovens dessas localidades, foi possível constatar a possibilidade de se construir uma análise na qual a realidade seja evidenciada pelos fatos.

Ainda, busca-se com esta pesquisa identificar de que forma são produzidos os conhecimentos científicos quando do desenvolvimento dos projetos de bolsas de Iniciação Científica e, conseqüentemente, como ocorre, nesse percurso, a produção e do conhecimento por parte dos alunos, tendo em vista que este processo exige superação de limites já imaginados e se enriquece no processo de uma rede do pluralismo teórico decisório das ações humanas. Esse processo é embebido de um espírito científico crítico-criativo que domina a ciência contemporânea, distante das concepções científicas e decorrentes do positivismo e empiricismo que ainda teimam em ter uma sobrevida.

Para a coleta de dados, foram utilizados questionários aplicados como os estudantes Iniciação Científica Júnior que participaram de projetos financiados pelo Conselho Nacional de Pesquisa, com o propósito de traçar o perfil destes sujeitos da comunidade rural de Agrovila das Palmeiras, Mato Grosso. O questionário foi composto por questões semiestruturadas, que posteriormente foram tabuladas e analisadas.

O objetivo central desta pesquisa consistiu em demonstrar a importância da Iniciação Científica na formação acadêmica e na decisão profissional de alunos da comunidade rural Agrovila das Palmeiras – Mato Grosso. Para isso, procuramos responder aos seguintes objetivos específicos:

- Analisar o impacto da Iniciação Científica na trajetória de vida dos alunos da comunidade da Agrovila;
- Identificar questões ligadas à configuração espacial que refletem nos comportamentos sociais e culturais desses sujeitos;
- Identificar os pressupostos que interferem nas ações pessoais e reforçam as possibilidades de sucesso a partir da Iniciação Científica.

Na busca por analisar o perfil dos estudantes, produções acadêmicas e desafios, foram abordadas questões sobre a pesquisa na vida do estudante, a fim de abranger todos que participam desse processo. Para minimizar qualquer desconforto



que porventura tenha ocorrido com relação aos questionamentos, foram tomadas medidas como: agendamento prévio do dia e horário e local de aplicação do questionário, como também o cuidado quanto a lisura no processo. Nesse contexto, o entrevistado ficou livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento para participação da pesquisa, sendo sua participação totalmente voluntária. A pesquisadora tratou a entrevista com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados serviram apenas para fins de pesquisa.

Após a finalização da pesquisa, foram realizadas devolutivas da publicação dos resultados obtidos. Em relação aos documentos, eles foram armazenados em local seguro pela pesquisadora e ficarão lá pelo período de cinco anos. Encerrando esse tempo, os materiais impressos serão picotados em máquina trituradora e destinados à reciclagem. Os materiais digitais serão deletados permanentemente.

Vale ressaltar que a Iniciação Científica aqui é entendida como um processo que engloba todas as experiências vivenciadas pelo aluno com o objetivo de promover o seu envolvimento com a pesquisa e, conseqüentemente, sua formação científica. Porém, na perspectiva adotada neste estudo, a Iniciação Científica é definida como o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, executado com bolsa para os alunos, e seus respectivos desdobramentos.

A pesquisa é apresentada aqui em cinco capítulos, os quais foram previamente elaborados. O método utilizado foi o materialismo histórico e dialético de Karl Marx (2002), o tipo de pesquisa foi a participativa, com abordagem qualitativa e quantitativa, observando o cotidiano de jovens da comunidade tradicional de Agrovila das Palmeiras em iniciação à pesquisa que proporcionem a formação de uma visão geral sobre o processo de desenvolvimento a partir da Iniciação Científica.

## **CAPÍTULO I**

### **BREVE RELATO SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA EM MATO GROSSO E O FORTALECIMENTO DA PESQUISA DO TERRITÓRIO RURAL**

Este capítulo apresenta as discussões sobre a questão agrária no Mato Grosso e o fortalecimento dos territórios no processo de ocupação.

O processo de ocupação territorial do Estado de Mato Grosso de forma intensa é recente. A partir da década de 1970, enormes contingentes populacionais deslocavam-se para o Estado, provenientes das regiões Nordeste e Centro Sul do território brasileiro. Era a chamada “Marcha para o Oeste”. Nesse momento, o país era administrado por governos militares que tinham como intenção a expansão para o interior, visando a integração para cuidar das fronteiras do país e Mato Grosso passou a funcionar como “válvula de escape” para a questão tanto do contingente populacional que estava sendo pressionado a deixar suas terras em função da modernização agrícola, bem como para evitar tensionamentos e ou conflitos por disputas de terras (Galvão, 2011).

A região Sul do país, de onde saíram 57% dos migrantes da década de 1970 que vieram para Mato Grosso, passava por transformações que influenciavam diretamente as relações de produção agrícola, pois a mecanização expropriava um número considerável de trabalhadores rurais que foram obrigados a migrarem para essa fronteira. Outro fator importante para o acontecimento da migração foi a abertura de novas rodovias, através de projetos implantados pelos governos militares, na busca de ocupação da parte Norte do país (Oliveira, 2001).

Dessa forma, para recebê-los, Mato Grosso tornou-se área preferencial para a implantação de colonizações, principalmente os particulares, pois o Estado, conforme Oliveira (2001), recebeu 90% dos projetos particulares de colonização do país.

Assim, Mato Grosso teve um crescimento populacional de 86% entre 1970 e 1980. Esse processo de ocupação aconteceu com a aquisição, por parte dos colonizadores particulares, de grandes extensões territoriais no Estado. As aquisições feitas pelos colonizadores, conforme Oliveira (2001), têm sua base na grilagem das terras e em verdadeiros massacres de nações indígenas inteiras. A partir de então, essas terras eram vendidas principalmente aos sulistas que buscavam nova fixação territorial, pois na região Sul não havia terras disponíveis para todos. Ainda, segundo

o autor citado, começaram a atuar no Estado 36 empresas privadas de colonização, as quais criaram aproximadamente 50 projetos de colonização.

Um exemplo desse tipo de colonização foi o realizado nos municípios de Colíder e Nova Canaã, no norte de Mato Grosso. No local, a Colonizadora Líder “adquiriu” terras da União e vendeu para os colonos sulistas o triplo de terras do que possuía, cabendo, mais tarde, ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a tarefa de regularizar os títulos das terras (Oliveira, 2001).

Nesse mesmo período, destaca-se também, em Mato Grosso, a criação, por parte do INCRA, de dois projetos de colonização oficial, um na cidade de Guarantã do Norte e outro na cidade de Lucas do Rio Verde. Em relação ao projeto localizado em Lucas do Rio Verde, o mesmo serviu para atender a colonos sem-terra assentados no Estado do Rio Grande do Sul. De lá vieram, em 1982, cerca de 213 famílias, sendo que cinco anos depois, restavam menos de 16 famílias no projeto de colonização (Alves Jr., 2015). Esta questão foi estudada por Pereira (2001) que, em pesquisa de mestrado, conseguiu levantar e entrevistar alguns dos agricultores e familiares que ficaram no território. Sobre este caso, o que chama a atenção é que muitos que vieram depois, além de ganhar terras, compraram terras destes assentados pela passagem de volta para o Sul do país.

Dessa forma, percebe-se que a colonização que aqui foi desencadeada fez uma grande quantidade de vítimas. Entre elas, os povos indígenas, que tiveram suas terras griladas e hoje lutam pela demarcação das mesmas e o conjunto de trabalhadores em geral, que muitas vezes enganados, para cá se dirigiram em busca da concretização de um sonho impossível de se realizar, o acesso à terra e melhores condições de vida.

Assim, nota-se no Estado de Mato Grosso, atualmente, uma grande quantidade de conflitos relacionados à questão agrária e o Estado, representante legal dos cidadãos, inverte o seu papel nessa situação, tornando-se omissor e favorecendo a concentração de riquezas nas mãos dos capitalistas, beneficiando a consolidação do modo de produção pautado no Agronegócio.

## 1.1 Agricultura familiar no Brasil

No Brasil, percebe-se grande superioridade no número das pequenas propriedades em relação às grandes propriedades rurais. De acordo com Guimarães (1982), esses estabelecimentos, os menores que 100 hectares, eram 90,5% do total dos estabelecimentos rurais no Censo Agropecuário de 1970, sendo que representavam apenas 23,5% da área total. Na agricultura familiar, a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda. A definição legal de agricultura familiar consta no Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017 (Brasil, 2017).

No Brasil, são classificados como agricultura familiar cerca 3,9 milhões de estabelecimentos, ocupando 10,1 milhões de pessoas distribuídos na região Norte com 15,4%, no Nordeste com 46,6%, no Sudeste com 16,5%, na região Sul com 16,0% e no Centro-Oeste com 5,5% de pessoas que trabalham na agricultura, com produção de R\$ 107 bilhões em todo o país (IBGE, 2019).

No Mato Grosso, são 2,7 mil estabelecimentos. O Estado abriga 81.635 estabelecimentos pertencentes à agricultura familiar, o que representa 69% do total dos estabelecimentos rurais do Estado (IBGE, 2019). As áreas de assentamentos rurais somadas às áreas com até quatro módulos fiscais, típicas da agricultura familiar, respondem por 14% do território do Estado. Agregando-se às terras indígenas (15,4% do território do Estado), chega-se a quase 30% do território do Estado ocupado por agricultores familiares, assentados e indígenas (MATO GROSSO, PCI, 2021).

Pode-se dizer que existem dois tipos de agricultura familiar: a de subsistência e a comercial. Em relação à agricultura comercial, a mesma pode ser considerada responsável por gerar, em média, 5,7% dos alimentos consumidos nacionalmente, pois de forma diferente da grande produção, não está voltada para a exportação (Tabela 1).

Tabela 1. Participação da agricultura familiar em alguns produtos selecionados. Consumo Brasil, 2017-2018.

| Produto                           | Produção Total | Produção Familiar | Participação da agricultura familiar (%) |
|-----------------------------------|----------------|-------------------|------------------------------------------|
| Arroz em casca (1.000t)           | 11.057         | 1.208             | 10,9                                     |
| Feijão (todos os tipos, 1.000t)   | 2.215          | 512               | 23,1                                     |
| Milho em grão (1.000t)            | 88.100         | 10.972            | 12,5                                     |
| Soja (1.000t)                     | 103.156        | 9.559             | 9,3                                      |
| Trigo (1.000t)                    | 4.681          | 862               | 18,4                                     |
| Mandioca (1.000t)                 | 6.559          | 4.563             | 69,6                                     |
| Café em grão (verde, 1.000t)      | 2.357          | 892               | 37,8                                     |
| Banana (1.000t)                   | 4.026          | 1.954             | 48,5                                     |
| Abacaxi (1.000t)                  | 996            | 668               | 67,1                                     |
| Açaí (1.000t)                     | 280            | 221               | 78,7                                     |
| Alface (1.000t)                   | 672            | 432               | 64,4                                     |
| Pimentão (1.000t)                 | 225            | 159               | 70,8                                     |
| Leite de vaca (milhões de litros) | 30.156         | 19.351            | 64,2                                     |
| Ovos (milhões de dúzias)          | 4.672          | 579               | 12,4                                     |

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017-2018.

Vale ressaltar que, conforme explica Hoffmann (2015), a afirmação de que 70% dos alimentos produzidos no Brasil advêm da agricultura familiar, tendo em vista a diversidade dos alimentos produzidos, não faz sentido somar as quantidades físicas, gerando a confusão sobre estes dados. No entanto, não se pode negar a importância da agricultura familiar e a produção e abastecimento de alimentos no mercado de consumo interno.

Os critérios que definem o que é agricultura familiar foram determinados pela Lei nº 11.326, aprovada em 2006, alterada pela Lei nº 13.465 de 2017. Esta lei considera que o módulo fiscal varia de acordo com cada município e determina que quatro módulos fiscais variam entre 5 a 110 hectares, dependendo da localização da propriedade, sendo o limite para um empreendimento familiar (Pimentel *et al.*, 2021).

Em relação ao tamanho da área, os imóveis rurais são classificados em (BRASIL, 2017):

- Minifúndio: imóvel rural com área inferior a Fração Mínima de Parcelamento;
- Pequena Propriedade: imóvel com área entre a Fração Mínima de Parcelamento e 4 módulos fiscais;
- Média Propriedade: imóvel rural de área superior a 4 e até 15 módulos fiscais;
- Grande Propriedade: imóvel rural de área superior a 15 módulos fiscais.

Determina ainda que a mão-de-obra deve ser predominantemente da própria família e a renda deve ser originada nas atividades da propriedade e a direção também deve ser feita por um membro da família (Brasil, 2017).

Por sua vez, a definição de agricultor familiar e empreendedor familiar rural dada pela Lei nº 11.326/2006 também inclui o conceito de módulo fiscal, ao estabelecer que, dentre outros requisitos, este não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 módulos fiscais. No novo "Código Florestal" (Lei nº 12.651/2012), o valor do módulo fiscal é utilizado como parâmetro legal para a sua aplicação em diversos contextos, como na definição de benefícios atribuídos à pequena propriedade ou posse rural familiar; na definição de faixas mínimas para recomposição de Áreas de Preservação Permanente; da manutenção ou recomposição de Reserva Legal, entre outros (Brasil, 2012).

Para Rosa (2007), produtores familiares são a principal fonte de ocupação da força de trabalho no meio rural, com intensiva força de trabalho dos membros da família, mas podendo assalariar de forma ocasional ou em quantidade inferior à mão-de-obra familiar, utilizam pouca tecnologia, assistência técnica, investimentos, dedicam-se à atividade mais comum de criação de aves, produção de ovos, hortifrutigranjeiros, entre outros. Este ponto é um dos fatores que contribuem para o sucesso de um Projeto de Assentamento.

A pequena propriedade começou a surgir no Brasil com o retalhamento das fazendas, neste caso as terras dessas fazendas estavam cansadas ou mesmo estagnadas. Foram os imigrantes que se dedicaram a esses pequenos pedaços de terra, assegurando os produtos necessários para o abastecimento das populações urbanas e também da fazenda. O imigrante pequeno proprietário desempenhou um papel significativo, demonstrando que era viável a pequena propriedade e que a policultura permitia a sobrevivência e o desenvolvimento do mercado interno (Rosa, 2007).

A produção de alimentos não é atrativa para o capital, tornando pouco rentável, com isso os grandes produtores preferem produzir para o mercado externo, deixando para o pequeno produtor um papel secundário que, na maioria das vezes, limita-se a produzir alimentos básicos para o mercado interno (Rosa, 2007).

Segundo Tsukamoto (2000), os pequenos produtores são prejudicados por não conseguirem competir com os produtores capitalizados, ou por falta de áreas

maiores de terras ou pelo uso de alta tecnologia, onde os capitalizados buscam eficiência produtiva para garantir a qualidade e competitividade no mercado.

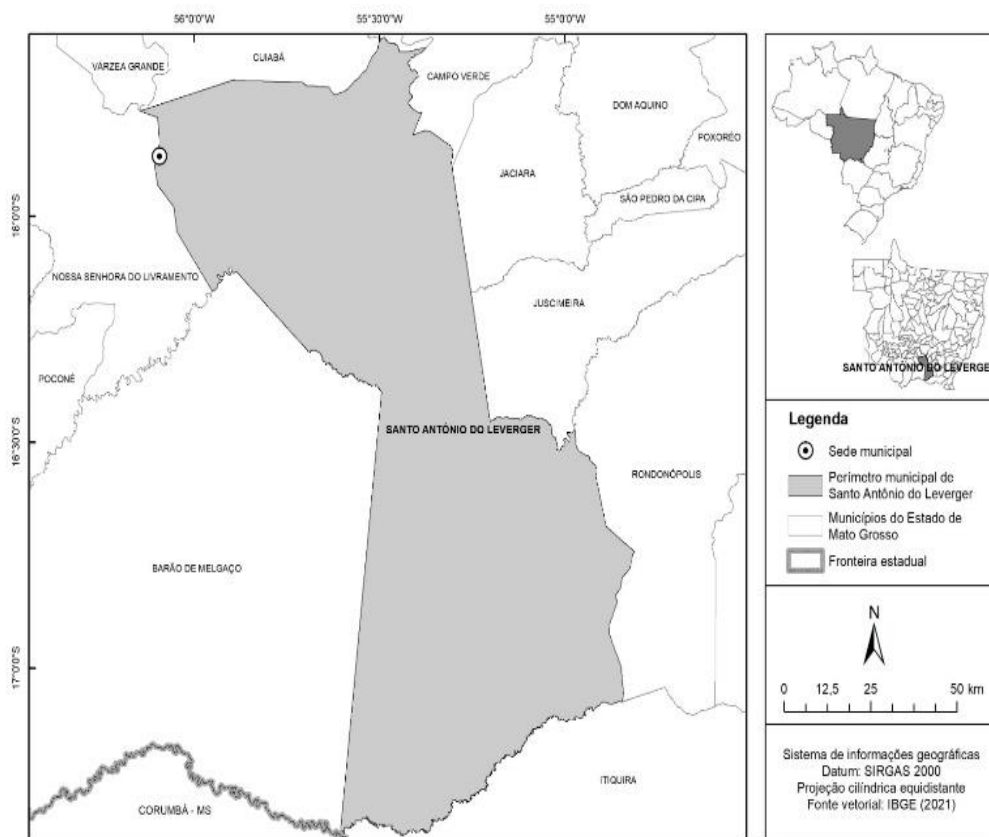
A pequena produção possui inúmeras dificuldades para aumentar sua produção e torná-la competitiva, pois esta atividade é desassistida de créditos e apoio técnico das autoridades competentes. De certa forma, pode-se notar a importância da agricultura familiar, principalmente para os cidadãos, pois não é interessante para eles e para as economias dos Estados em geral empregarem boa parte do orçamento familiar na alimentação, pois estes têm outras necessidades, principalmente o consumo de produtos duráveis. Outra relevância deve-se ao fato de que são apenas os agricultores familiares que produzem em troca de rendas inferiores aos salários urbanos, oposição às grandes propriedades, que buscam sempre maiores rentabilidades e qualquer sinal negativo de lucro migram para outros setores da economia, provocando aumento significativo no custo de vida (Pimentel *et al.*, 2021).

## **1.2 Um pouco sobre o Município de Santo Antônio de Leverger – MT**

Santo Antônio de Leverger é um município integrante da região político-administrativa do Centro Oeste do Brasil, localizado entre as coordenadas geográficas: 15°47'11" latitude sul e 56°04'17" longitude oeste. É um quadrante na região Centro-sul de Mato Grosso, distante de Cuiabá 34 km. O município atinge aproximadamente 17.188 habitantes, apresenta uma densidade demográfica de 1,51 hab/km<sup>2</sup>, escolarização na faixa etária dos 6 aos 14 anos de 96%, Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDH-M) é 0,656 (médio). O gentílico do município é santo-antoniense. As principais atividades econômicas são o turismo, a pesca, a pecuária e a agricultura. Seu território é composto 38% pelo bioma Cerrado e 62% pelo bioma Pantanal (IBGE, 2023).

O território do Município de Santo Antônio do Leverger foi desmembrado diretamente do município de Cuiabá sob a denominação de Santo Antônio do Rio Abaixo, o território do município é habitado desde tempos imemoriais pelo povo indígena *bororo* (SILVA *et al.*, 2018) (Figura 1).

Figura 1. Mapa de Localização do município de Santo Antônio do Leverger – MT.



Fonte: Acervo da autora (2023).

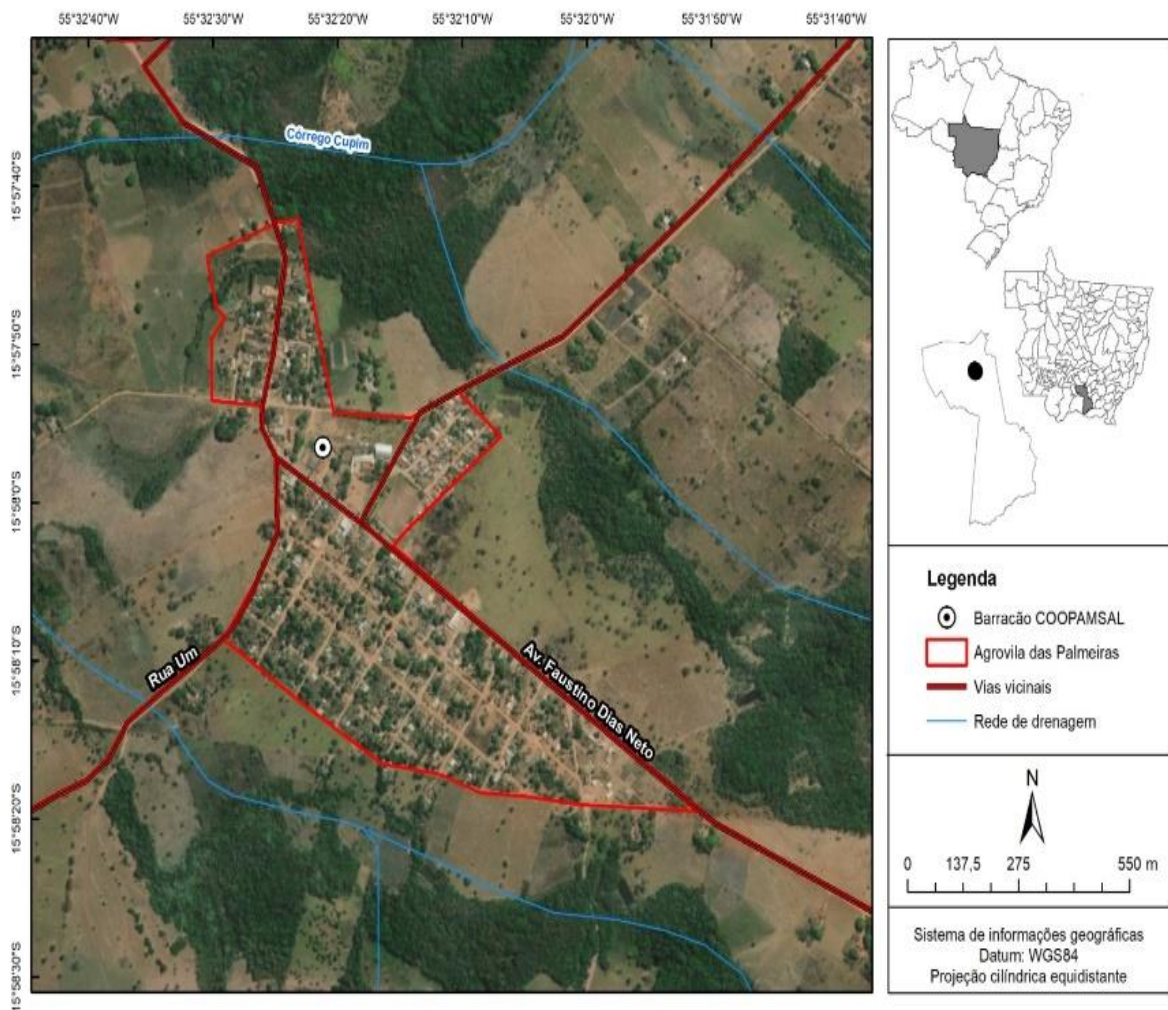
A Lei nº 11 de 26/08/1835 criou o distrito de Santo Antônio Abaixo, o Decreto de Lei Estadual nº 22 de 4/07/1890 criou o município de Santo Antônio do Rio Abaixo, a Lei nº 211 de 10/05/1890 confirma o Decreto que desmembra Santo Antônio do município de Cuiabá. O Decreto de Lei nº 208 de 26/10/1938 altera a denominação de Santo Antônio do Rio Abaixo para Santo Antônio. Contudo, o Decreto Lei nº 545 de 31/12/1943 altera a denominação de Santo Antônio do Rio Abaixo para Santo Antônio. Por fim, a lei nº 132 de 30/09/1948 altera denominação de Santo Antônio para Santo Antônio de Leverger, denominação atual (Ferreira, 2001, p. 609).

A denominação destinada a permanecer é homenagem ao Santo padroeiro e ao Almirante Augusto Leverger. Foi este cidadão, francês de nascimento, mas mato-grossense de coração por inúmeras vezes o presidente da província de Mato Grosso, herói da guerra do Paraguai, recebeu o título nobiliárquico de Barão de Melgaço, por haver proposto impedir a invasão paraguaia em Cuiabá, usando as Colinas de Melgaço para alcançar seu objetivo, juntamente aos bravos voluntários da pátria.



Neste município localiza-se a comunidade de Agrovila das Palmeiras, pertencente à zona rural, fruto do objeto dessa pesquisa (Figura 2).

Figura 2. Mapa de Localização da comunidade Agrovila das Palmeiras, Santo Antônio do Leverger – MT.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Vista panorâmica da avenida principal e o espaço da Cooperativa onde **são** realizam eventos como: reuniões, cursos, festejos, entre outras ações da comunidade tradicional Agrovila das Palmeiras em Santo Antônio do Leverger-MT (Figura 3).

Figura 3. Vista parcial da comunidade Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Maruyama (2022).

Figura 4. Vista da comunidade de Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Maruyama (2022).

Figura 5. Vista da comunidade Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Maruyama (2022).

Nesse contexto em que o Estado de Mato Grosso e o município de Santo Antônio de Leverger e a Agrovila das Palmeiras estão inseridos, o desenvolvimento das pesquisas científicas, o fomento das bolsas de estudos caracteriza-se como oportunidade de desenvolvimento, tanto para a localidade como para os indivíduos.

### **1.3 Comunidade Agrovila das Palmeiras**

A comunidade Agrovila das Palmeiras apresenta solo “[...] declivoso, o que, de modo geral, não é o tipo recomendado para o uso agrícola, por apresentar predomínio de solos rasos e pedregosos” (MATO GROSSO, SEPLAN, 2021, p. 21). Nesse contexto, com o auxílio de estudos e pesquisas específicas, poderão ser verificadas quais alternativas de recuperação desse solo devem ser feitas para que tenha um aproveitamento eficaz nesse setor, daí a necessidade de olhares especializados nas diversas áreas do conhecimento que contemplem essa perspectiva, como Agronomia.

O Distrito de Agrovila das Palmeiras faz parte da baixada cuiabana, por pertencer ao município de Santo Antônio do Leverger, o qual está inserido no grupo dos 14 (quatorze) municípios da Baixada, cujo setor econômico, segundo o Zoneamento Socioeconômico Ecológico (ZSEE), caracteriza-se como a maior e mais diversificada base econômica de Mato Grosso, com um Produto Interno Bruto (PIB) de 8,1 bilhões (2015), fazendo parte da região de planejamento VI (IBGE, 2017).

Na formação deste povoado, muitos dos assentados dessa comunidade eram pessoas nativas da região que viviam nas redondezas, outras terminavam de cumprir a pena no presídio rural da localidade (Santos, 2017) e outras vieram de diferentes Estados. Desse modo, tornou-se uma mistura de gente que trabalha na piscicultura, fruticultura, avicultura, pecuária e extrativismo, sendo a pecuária a base da fonte de renda, além da agricultura familiar que é a base da economia de fartura. A comunidade tem pouca atividade econômica formal: engarrafadora de água mineral, trabalho nos órgãos estaduais e municipais e o extrativismo de espécies nativas da região, incapazes de fomentar empregos a todos.

Os assentamentos no município surgem a partir de 1977, com a reorganização do território pela divisão do estado de Mato Grosso, criando-se vários programas de povoamento. Agrovila das Palmeiras foi planejada em 1983 pelo então governador Júlio José Veríssimo de Campos, nas proximidades do Presídio das Palmeiras. Os

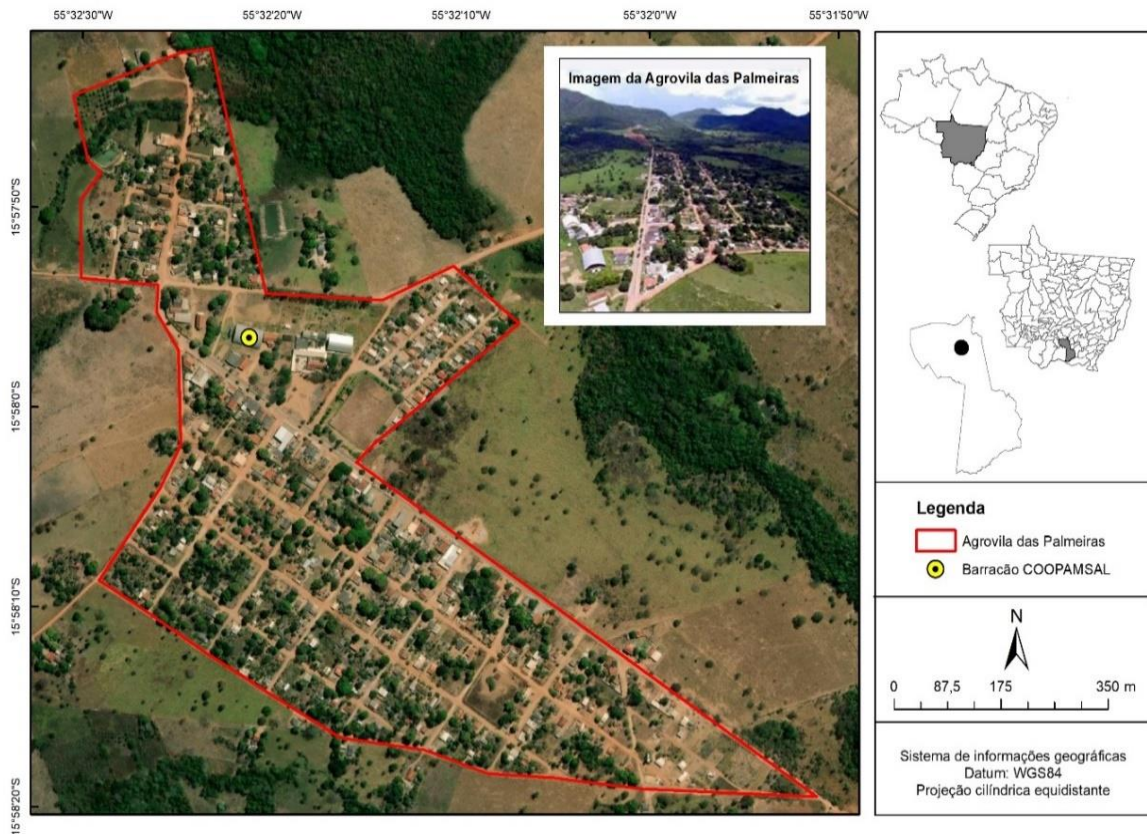


lotes foram entregues entre janeiro e julho de 1984, passando a chamar-se “Agrovila Júlio Campos”, nome do então governador, depois foi mudado para Agrovila Vale da Esperança-Palmeiras, nome que consta nos registros da Associação, mas hoje o distrito é conhecido por Agrovila das Palmeiras (Corrêa, 2013).

A comunidade surgiu com a doação de 206 lotes, distribuídos em pequenas chácaras, dando a constituição de assentamento. A Comunidade de Agrovila das Palmeiras tornou-se Distrito em 2021. A cidade mais próxima não é a sede do município, mas sim a capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, que está a 95 km de distância.

A comunidade de Agrovila das Palmeiras tem como atividade produtiva a piscicultura, a fruticultura, a avicultura, a pecuária e o extrativismo. A atividade pecuária é a base da fonte de renda dos moradores, principalmente o gado leiteiro, o que garante que o produtor possa se manter no sítio, sem necessitar sair para trabalhar em outras propriedades. A localização da comunidade tradicional de Santo Antônio do Leverger pode ser visualizada no mapa (Figura 6).

Figura 6. O detalhe destaca o Assentamento da comunidade Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

A maioria dos grupos familiares residentes na comunidade tende para o trabalho com a agricultura familiar, economia de fartura, como mostra a figura seguinte, na qual as mulheres preparam a farinha de *ora pro nóbis* para a utilização de suas iguarias (Figura 7).

Figura 7. Grupo de mulheres da comunidade de Agrovila das Palmeiras no preparo da farinha de *ora pro nóbis*



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Na comunidade Agrovila das Palmeiras há componentes e elementos suficientes para que essa comunidade preserve sua cultura, se envolva com o território e esteja capacitada para manter o bem viver das pessoas como força motivadora de preservar as tradições, com permanência e desenvolvimento de atividades em que participem com entusiasmo (Figura 08).

Figura 8. Grupo de mulheres retirando a amêndoa do babaçu para preparação do óleo



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

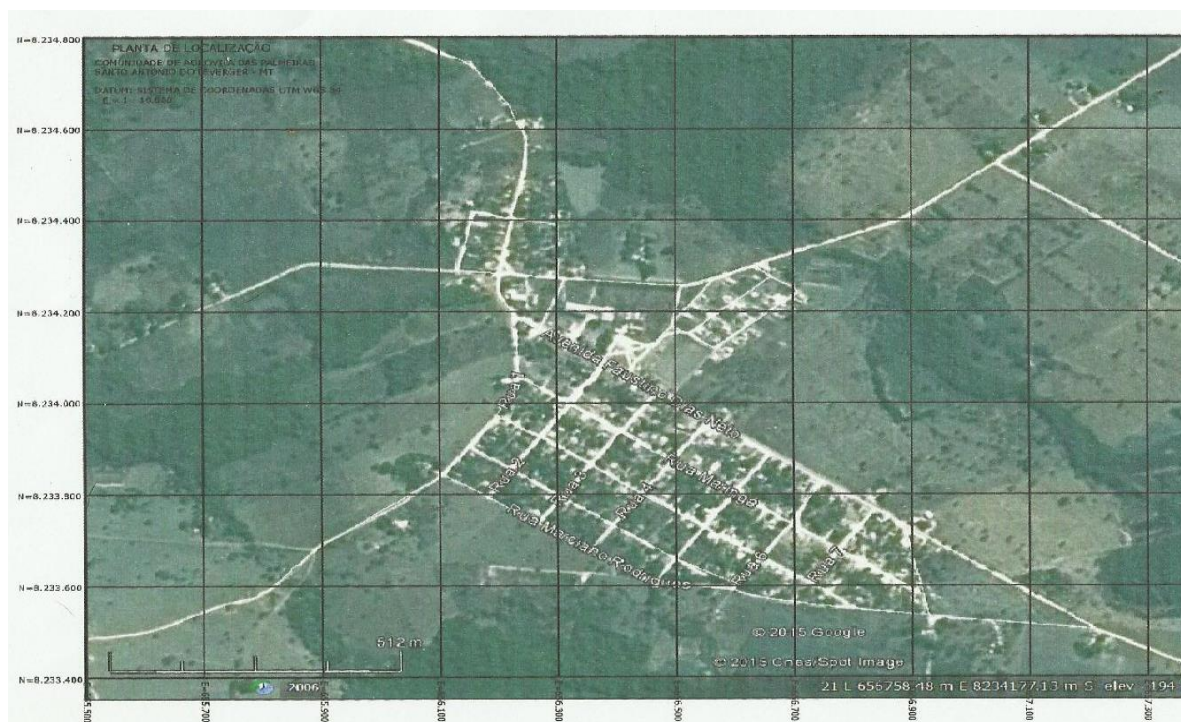
Vale destacar as mudanças que vêm ocorrendo na identidade da comunidade Agrovila das Palmeiras, pois os moradores mais jovens não encontram oportunidades e muitos migram para outros locais em busca de trabalho e estudos.

#### **1.4 Escola do Campo Nagib Saad**

A Escola Estadual do Campo Nagib Saad está localizada na comunidade Agrovila das Palmeiras (Figura 09), Município de Santo Antônio de Leverger – MT.



Figura 9. Localização geográfica da comunidade Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio de Leverger, MT.



Fonte: Adaptado de GoogleMaps, 2023.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), (dados informados pela Secretária da Escola, 2023), a Escola Nagib Saad foi fundada em 1986 e até o dia 23 de fevereiro de 1988 funcionou como sala anexa da E.E.P.S.G. Hermes Rodrigues de Alcântara. A Resolução n. 038 de 23 de fevereiro de 1988 autorizou o funcionamento do Ensino Fundamental de 1ª a 8ª séries.

O Ensino Médio Propedêutico foi autorizado através da Resolução n. 017/99 de 19 de fevereiro de 1997. EJA – 2º segmento (2008). A Escrituração e endereço da Escola, os bens patrimoniais e a estruturação física sofreram modificações visando o atendimento da demanda da clientela local.

A Escola Nagib Saad conta com 25 (vinte e cinco) profissionais da educação (professores), 03 três técnicos administrativos, 04 (quatro) profissionais de nutrição escolar, 08 (oito) apoios educacionais e 03 (três) vigias. A Gestão escolar é constituída pelo Diretor e (01) Coordenador Pedagógico.

A escola atende a 269 (duzentos e sessenta e nove) alunos matriculados nos períodos: matutino, vespertino e noturno nas modalidades de Ensino Fundamental,

Ensino Médio, EJA (2º segmento), conta também, nas etapas Fundamental e Médio, com 10 (dez) salas e 02 (duas) salas anexas (dados informados pela Secretária da Escola, 2023).

A escola possui equipamentos de informática – (computadores e impressoras) tanto para alunos quanto para professores, mas com limitações, visto que não há acesso à *internet*; dispõe de 02 (dois) aparelhos de Televisão, 01 (um) aparelho de Vídeo Cassete, 02 (dois) aparelhos de DVD, 01 (um) Data Show, (03) Microssistem, 02 (dois) Mimeógrafos, 01 (uma) Copiadora, 01 (uma) Impressora Multifuncional, 01 (um) Retroprojeto, 02 (duas) Caixas de Som, (01) Caixa de Som Amplificada, 01 (uma) potência, 02 (dois) microfones sem fio, 01 (um) *Twist Light*, 01 (uma) Câmera Fotográfica Digital, 01 (uma) Filmadora, 03 (três) Guitarras, 03 (três) teclados, 20 (vinte) Flautas Doce, 01 (uma) Bateria (dados informados pela Secretária da Escola, 2023).

Essa instituição escolar conta com o seguinte aspecto físico: o prédio foi construído há 25 (vinte e cinco) anos atrás, inicialmente, com apenas 04 (quatro) salas de aula e outras dependências, tais como: sanitários, cozinha, despensa e diretoria (dados informados pela Secretária da Escola, 2023). Por situar-se na região de assentamento, onde há um constante fluxo de migração, aos poucos a escola foi sendo ampliada com a criação de mais salas de aula e pátio, de forma desordenada e sem planejamento.

Atualmente, possui 10 (dez) salas de aula, 03 (três) banheiros, 01 (uma) sala de informática, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) cozinha com despensa, 01 (uma) diretoria, 01 (uma) sala para os professores, 01 (um) auditório inacabado, 01 (uma) biblioteca em construção. Toda estrutura está dentro de uma área de mais ou menos 2 (dois) hectares, cercada por 10 fios de arame liso, onde há uma horta e árvores frutíferas e ornamentais ainda em fase de crescimento (dados informados pela Secretária da Escola, 2023).

Na escola não existe quadra de esportes, com isso as aulas de Educação Física são improvisadas ou se realizam no pátio da Escola, ou fora dela, ao relento e em chão batido. A cozinha da escola é pequena e desconfortável, sem refeitório.

No que diz respeito aos docentes, com exceção do componente curricular Arte, todos os professores são graduados e especialistas atuando em suas áreas específicas.



A comunidade de Agrovila das Palmeiras, onde a Escola de Campo Nagib Saad está situada, fica próxima a uma área de assentamentos rurais, a maioria da população é constituída por pequenos proprietários que necessitam de acompanhamento técnico para o desenvolvimento rural sustentável. Isto contribui para um êxodo acentuado dos jovens, pois estes não encontram meios de sobrevivência e oportunidades na localidade.

Cursos oferecidos pela escola: Alfabetização, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Técnico em Agroecologia.

Números de Turmas do Ensino Médio

1º Ano: 03

2º Ano: 02

3º Ano: 02

Números de Alunos do Ensino Médio

1º Ano: 55

2º Ano: 29

3º Ano: 24 (dados informados pela Secretária da Escola, 2023).

Como origens sociais dos estudantes, a grande maioria é oriunda da própria comunidade e muitos já foram alunos da escola; outra parte, pequena parcela, vem da capital, onde reside.

## **CAPÍTULO II**

### **PESQUISA E FORTALECIMENTO DO TERRITÓRIO RURAL**

Vivemos em um mundo em constante transformação e inovações, em que cada ação pode ocasionar numa série de resultados. De acordo com uma ordem global, nas escalas locais também se percebem esses elementos representados pelo capital, tendo em vista que, para Santos e Silveira (2001, p. 11), “[...] o espaço geográfico se define como união indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de ações, e suas formas híbridas, as técnicas”.

De acordo com o pensamento de Moraes (2005), com o desenvolvimento do comércio colonial, os Estados europeus incentivaram o inventário de recursos naturais, presentes em suas possessões, gerando informações mais sistemáticas e observações mais científicas. Assim, passaram-se dos relatos ocasionais aos levantamentos mais técnicos, das expedições exploradoras às expedições científicas. O interesse dos Estados levou ainda a fundação de Institutos de Pesquisas, como a Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), nas metrópoles, que passaram a agrupar o material recolhido, como as sociedades geográficas e os escritórios coloniais. Percebe-se a necessidade de documentar, organizar as observações e produzir dados para serem utilizados futuramente.

Conforme os países foram desenvolvendo as suas técnicas, várias revoluções surgiram e a revolução industrial na cidade forjou a revolução no campo, sobretudo com o êxodo rural. Entre as várias transformações desse período, dois foram os efeitos mais significativos do processo de “industrialização” da agricultura. De um lado, eliminou-se completamente a produção de subsistência do campo, ao menos nos países industrializados: cada exploração agrícola passou a se dedicar a apenas algumas poucas culturas, passando, a partir de então, a não poder mais sequer produzir alimentos para seus trabalhadores. A substituição dos animais de tiro pelo trator contribuiu muito neste sentido, ao permitir a dissociação da lavoura de criação de gado. Desse modo, a cidade se transformou no lugar no qual se concentra não apenas o excedente alimentar produzido no campo, mas toda produção agrícola, a qual é comercializada, transformada industrialmente e, em parte, redistribuída ao campo a partir da cidade (Singer, 1998).

Do outro lado, a “industrialização” da agricultura permitiu imensa expansão das forças produtivas do campo ou, mais precisamente, um aumento formidável da produtividade do trabalho agrícola. A consequência deste fato foi um elevado desemprego tecnológico na agricultura, pois a demanda pelos produtos do campo cresceu muito menos que as forças produtivas que pudessem satisfazê-la (SINGER, 1998).

A divisão do trabalho entre campo e cidade sofreu, desse modo, uma transformação tão ampla que hoje já é legítimo se colocar a dúvida quanto à validade da distinção entre campo e cidade. Não é difícil prever uma situação em que a maioria da população “rural”, no sentido ecológico, “[...] se dedique a funções urbanas e que a prática da agricultura – mecanizada, automatizada, computadorizada – em nada se distinga das demais atividades urbanas” (Singer, 1995, p. 27).

Com objetivo de deixar o espaço rural mais atrativo e propiciar com que algumas pessoas continuem a residir na zona rural, várias estratégias foram criadas. Existe muita diferença nas políticas públicas entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Fomentar crédito, oferecer assistência técnica, qualificar a mão de obra, proporcionar escolas no campo, criar infraestrutura, logística de transportes, são estratégias adotadas no campo brasileiro. Desse modo, muitas pesquisas surgem a fim de identificar as dificuldades para contribuir na criação de políticas públicas para o desenvolvimento de melhorias para a população do campo (Zandonadi, 2014).

Desenvolvida por Instituições de Ensino Superior (IES) e da rede básica, a Iniciação Científica Júnior permite inserir estudantes na pesquisa científica, servindo de apoio técnico e metodológico para sua formação acadêmica, conferindo possibilidades futuras, tanto acadêmicas quanto profissionais (Queiroz, 2015). Promove o desenvolvimento do estudante-pesquisador, em seus primeiros passos na pesquisa acadêmica. Quanto ao conhecimento, Toledo e Barrera-Bassols (2009) destacam que os sujeitos das comunidades tradicionais possuem uma forma singular de conhecimento sobre o seu entorno e que eles operam em diferentes escalas.

Nesse sentido, pode-se considerar que esse conhecimento construído a partir da experimentação e da pesquisa, por meio da Iniciação Científica é uma estratégia que “transforma o educando de objeto para sujeito ativo no processo de aprendizagem” (Oliveira, 2020, p. 20).

De acordo com os autores, esses conhecimentos têm um valor substancial para aclarar as formas como esses sujeitos “[...] percebem, concebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem para subsistir” (Toledo; Barrera-Bassols, 2009, p. 35). Esse saber engloba toda uma coletividade circundada pela natureza cultivada, seja individual, familiar ou comunitária, colocando em destaque o papel ativo e construtivo do sujeito para aquisição de novas aprendizagens, independente do espaço geográfico que ele ocupe.

Pedaços de chão onde se debatem contradições entre escolhas institucionais e as resistências dos sujeitos que ocupam o território, lugar de direitos e deveres, de cultura viva e mutável, que abriga um vasto universo de ideais, muitas vezes como um sonho que não se concretiza. Tangido pelo caminhar em um caminho atrelado a realidade, poeirento e descuidado, sedento por justiça social “[...] assim vão construindo sua história dentro das condições reais que encontram” (Almeida; Silva, 2019, p. 2).

Para as autoras, as comunidades rurais possuem um conhecimento adquirido ao longo do tempo que lhes permitem interagir com o espaço de forma a entendê-lo não apenas como um recurso a ser usufruído, “[...] mas como um conjunto de seres vivos que têm um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia e no contexto cultural” (Almeida; Silva, 2019, p. 2).

Nesse contexto, considerando que o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo, é fundamental oferecer aos alunos um ambiente de aprendizagem e investigação que venha contribuir com a autonomia na busca de soluções para problemas apresentados. A Iniciação Científica possibilita a ampliação do “conhecimento e visão de mundo a partir de uma ótica científica, ao mesmo tempo em que promove o caráter interdisciplinar” (Barbosa; Ferreira, 2018, p. 1).

Desenvolvida por Instituições de Ensino, a Iniciação Científica permite inserir estudantes na pesquisa científica, servindo de apoio técnico e metodológico para sua formação acadêmica, conferindo possibilidades futuras, tanto acadêmicas quanto profissionais. Promove o desenvolvimento do estudante-pesquisador, em seus primeiros passos na pesquisa acadêmica. Oliveira (2020, p. 20) argumenta que

Desperta a consciência crítica que leva o indivíduo à superação e transformação da realidade, pois valoriza o questionamento, incita a curiosidade, alimenta a dúvida, o que torna as aulas mais atrativas, com maior possibilidade de ampliação dos horizontes do conhecimento para o aluno.

Diante dessa constante exigência de qualificação, as necessidades educacionais da população acabam por ampliar-se, especialmente as relacionadas ao mundo das tecnologias digitais, “[...] e a universidade, juntamente com os professores, tem um papel de destaque nesse processo” (Lopes; Souza Junior, 2017, p. 135).

Ao participar de um programa de Iniciação Científica – IC, os alunos têm a chance de realizar e participar do processo de produção e atualização do próprio conhecimento. De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, “[...] a iniciação científica tem a finalidade de elevar o patamar de informações disponíveis e a popularização da ciência e da tecnologia como conhecimentos essenciais a todos” (Lopes; Souza Junior, 2017, p. 136).

Oliveira (2020) ressalta que a interação entre ensino e saber científico proporciona aos alunos utilizarem intervenções e julgamentos apropriados adquiridos ao longo desse percurso para tornarem-se sujeitos diligentes e participativos. Oliveira (2020, p. 20) ainda completa que,

Essa integração possibilita o desenvolvimento de competências como autonomia profissional, fluência na comunicação e nas relações interpessoais, além de permitir uma participação efetiva dos estudantes em seu processo de construção de saberes necessários ao seu crescimento pessoal e profissional.

Quanto ao conhecimento, Toledo e Barrera-Bassols (2009) destacam que os sujeitos das comunidades tradicionais possuem uma forma singular de conhecimento sobre o seu entorno e que os mesmos operam em diferentes escalas.

## **CAPÍTULO III**

### **PERCURSO DA PESQUISA**

Este capítulo reflete sobre o papel da educação na vida de estudantes do Ensino Médio de comunidades rurais tradicionais e quilombolas no território da cidadania e o percurso desta pesquisa. Assim, descreve-se o caminhar para a abordagem da pesquisa realizada.

#### **3.1 A pesquisa científica**

A pesquisa científica é o resultado da investigação planejada, desenvolvida e redigida conforme as normas metodológicas consagradas pela ciência. Estudantes universitários trabalham cientificamente quando realizam pesquisas dentro dos princípios estabelecidos pela metodologia científica, quando adquirem a capacidade não só de conhecer as conclusões que lhes foram transmitidas, mas se habilitam a reconstituir, a refazer as diversas etapas do caminho percorrido pelos cientistas (Santos, 1999, p. 47).

A ciência compreende os conhecimentos que se obtém a partir de investigação e de estudos, para encontrar solução de algum problema. Para ser científica, a pesquisa deve ser passível de validação e de demonstração, através de investigações e experimentações. Assim, a pesquisa científica é passível de teste, racionalmente válida e justificável e que pode ser replicada e alcançada através de estudos, observações e experimentações (Coelho, 2021).

O desenvolvimento de uma pesquisa científica passa, obrigatoriamente, pela compreensão de que a ciência atende a um procedimento metódico cujo objetivo é conhecer, interpretar e intervir na realidade e se compõe através de três elementos: a observação, a experimentação e as leis. Esse é, em linhas gerais, o método científico. A pesquisa científica usa métodos científicos para encontrar soluções ou explicar algum tema, produz o conhecimento científico e leva em consideração um conjunto de procedimentos sistemáticos, que se apoiam no raciocínio lógico (Coelho, 2021). Nesse sentido, a pesquisa realizada buscou refletir a realidade da comunidade estudada, dos participantes da pesquisa.

De acordo com Gil (2008, p. 147), as fontes documentais podem proporcionar elementos qualitativos e quantitativos suficientes para agilizar o processo de pesquisa, “[...] sem contar que em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos”.

Para Oliveira (2020, p. 50), a pesquisa documental possibilita descrever e comparar passado e presente.

Bem como investigar os processos de mudança social e cultural e ainda na obtenção de dados com menor custo e sem o constrangimento de sujeitos. Essa técnica pode ser utilizada como técnica principal ou como suporte a estudos de campo, levantamentos e estudos de caso.

Ainda de acordo com a autora supracitada, a pesquisa documental é fundamental para o desenvolvimento teórico e metodológico da pesquisa, pois auxilia na compreensão do fenômeno estudado (Oliveira, 2020). Assim, esta etapa, ainda que de modo ligeiro, teve como objetivo buscar, identificar, analisar e agrupar documentos relevantes ao tema pesquisado, para posterior estudos e aprofundamentos.

Para atingir os objetivos da pesquisa, utilizou-se uma abordagem mista, realizada por meio de análise documental e aplicação de questionário com entrevista de 5 alunos bolsistas da Escola de Campo Nagib Saad da comunidade Agrovila das Palmeiras, todos do Ensino Médio e uma mãe de aluno, que atualmente também é estudante e bolsista (Anexo I), todos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Lakatos e Marconi (2003) destacam que a vantagem de aplicar um questionário se concentra justamente na economia de tempo, pois oferece uma maior abrangência de aplicabilidade em determinada área geográfica. Além de permitir respostas mais ágeis, bem como uma flexibilidade de aplicação.

Para a construção do questionário, procurou-se estabelecer uma ligação com os objetivos da pesquisa; os sujeitos participantes e os métodos de análise, bem como procedimentos que objetivam identificar nesses sujeitos suas percepções sobre assuntos relacionados às contribuições da iniciação científica em suas rotinas. Dividido em duas categorias temáticas, o questionário busca compreender os indivíduos pesquisados - estudantes bolsistas - além de facilitar a análise e a categorização posteriores. O questionário foi composto por 11 questões.

Para interpretar os dados acerca da conscientização identitária e sociocultural desses sujeitos, a análise foi realizada por meio das categorias de abordagens narrativas a partir do roteiro de entrevistas, como mostram os quadros abaixo.

Quadro 1. Identidade cultural e autoidentificação

| <b>CATEGORIA</b>                        | <b>ABORDAGENS NARRATIVAS</b>                  |
|-----------------------------------------|-----------------------------------------------|
| IDENTIDADE CULTURAL E AUTOIDENTIFICAÇÃO | Memória e ancestralidade                      |
|                                         | Autoidentidade                                |
|                                         | Conjuntura socioeconômica                     |
|                                         | Educação, Iniciação Científica e perspectivas |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 2. Identidade cultural e juventude rural

| <b>CATEGORIA</b>                      | <b>ABORDAGENS NARRATIVAS</b>                       |
|---------------------------------------|----------------------------------------------------|
| IDENTIDADE CULTURAL E JUVENTUDE RURAL | Cultura e Pertencimento                            |
|                                       | Ser assentado rural e os efeitos dessas titulações |
|                                       | Juventude – educação                               |
|                                       | Ser jovem em comunidade rural                      |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os dados obtidos foram categorizados e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, complementada com dados sociodemográficos apresentados em tabelas. De acordo com Sampaio (2021, p. 06)

A análise do conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos.

Assim considerando, os dados foram explorados e tratados de forma significativa para validar a pesquisa, com o propósito de alcançar os objetivos da pesquisa. Para tanto, foram realizadas diversas visitas à comunidade Agrovila das Palmeiras, sendo que em algumas foram realizadas oficinas com os alunos, como o preparo de pães e da colheita de sementes para a produção de colorau.



No ano de 2022, vinte e um alunos concorreram à bolsa de Iniciação Científica, sendo que sete (33%) foram aprovados. Relevante destacar que a aprovação foi via projeto institucionalizado e financiado. Foram entrevistados 5 alunos bolsistas da Escola de Campo Nagib Saad da comunidade Agrovila das Palmeiras, todos do Ensino Médio e uma mãe de aluno, que atualmente também é estudante e bolsista.

Todas as visitas à comunidade Agrovila das Palmeiras trouxeram proximidade e criaram vínculo e harmonia entre o grupo, agregando muito conhecimento (Figuras 10 e 11).

Figura 10. Oficinas de preparo de pães



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Figura 11. Colheita de sementes para produção de colorau



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

A participação dos alunos, das famílias e da comunidade nas atividades, juntamente com os mentores e demais professores, foi bastante motivadora, agregando conhecimentos e a troca de saberes para todos, contribuindo para o sucesso e a realização dos Projetos.

## CAPÍTULO IV

### A INICIAÇÃO CIENTÍFICA COMO CONTRAPONTO À EDUCAÇÃO COLONIAL

Este capítulo se destina a apresentar discussões sobre a questão da iniciação científica como contraponto à educação colonial na Geografia.

O modelo de colonização imperialista e hegemônica produziu um modelo de educação com objetivos doutrinários com intenção da manutenção *status quo* social (Santos, 2020). Assim, falar de organização educacional no Brasil é remeter a processos aos quais foram submetidos os povos originários a silenciamentos e epistemicídios, principalmente na primeira fase do Brasil Império (Souza, 2017).

Na segunda fase, com a vinda da família real, a educação escolarizada atendia a portugueses-europeus, filhos de colonos, indígenas e as intenções estavam sempre a favor da colonialidade do poder e, então, no Brasil a construção de um modelo educacional demorou a ser concretizado. O modelo educacional no Brasil demorou muito para ser de acesso a todos os brasileiros e ainda assim quando se expandiu para uma parcela maior, seguiu-se um modelo colonialista e bancário. Já o modelo de uma educação escolarizada significativa plural, com marcas humanistas em contraposição a educação hegemônica ainda está em construção (Santos, 2020).

Assim, discutir a colonização na América cerceou modelos de organização social dos povos originários. É inegável o poder colonial de oprimir os povos originários e os povos que foram se formando aqui sobretudo no Brasil (Maia *et al.*, 2020). Diante dessa realidade, como pensar o ensino de Geografia a partir de uma concepção decolonial?

A hegemonia instalada desde a “conquista”, para a qual articulou-se raça, trabalho, espaço e grandes grupos humanos em benefício do capitalismo nos leva a suspeitar da missão salvacionista e sua consequente “conquista”, desarticulando a concepção desenvolvimentista com que se encaram a ocupação do continente. Esse lugar de enunciação do capitalismo gerou um ciclo de desigualdade social, concentração de terras, patriarcados, em um sistema de subalternidade, dando abertura a um questionamento das origens espaciais e temporais, desde a perspectiva do Outro excluído (Dussel, 1993).

Esse modelo de construção social eurocêntrica, sustenta e perpetua a dominação colonial e a colonialidade do poder, do saber e de ser, até os nossos dias.

O eurocentrismo tem-se construído historicamente no contexto colonial a partir do etnocentrismo das culturas europeias, que se esforçaram para justificar seu papel no processo da dominação colonial (Maia *et al.*, 2020).

Do ponto de vista dessa perspectiva, Quijano (2009) assegura que isso explica a exclusão dos saberes locais, desde o início da evangelização pelos jesuítas, cujas ações sustentaram a dominação colonial, perpetuando um tipo de relação social constituída pela presença constante da: dominação, exploração e conflito. Quijano (2009) aponta que, colonialismo e colonialidade são dois conceitos relacionados, porém distintos. Por sua vez, o colonialismo

Refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjetividade do mundo tão enraizado e prolongado. (Quijano, 2009, p. 73).

O colonialismo é mais do que uma imposição política, o colonialismo apresenta raízes mais profundas, pois mesmo com seu fim, a colonialidade sobrevive em nosso meio. Nesse sentido, o colonialismo destrói o Outro de forma a inviabilizar, subalternizar e reprimir seus modos de produção de conhecimento, seus saberes e seus processos históricos (Maia *et al.*, 2020). Opera-se a naturalização da superioridade do colonizador de forma estimular fortemente a aceitação da cultura europeia aos subalternizados, ao ponto que a

História e as áreas afins, como a etnografia, a geografia, a antropologia, a paleontologia, a arqueologia, etc., ao estudar o passado das civilizações, seus produtos culturais e institucionais, muitas vezes foram realizadas comparações com o mundo europeu e, nesse sentido, justificaram o colonialismo. (Oliveira & Candau, 2010, p. 20).

Para Marín (2006), na hegemonia imposta aos povos de maneira autoritária “[...] encontram-se as raízes dos problemas contemporâneos e a raiz dos conflitos étnicos e religiosos não resolvidos que acabam com a África, América, a Ásia e a Europa de nossos dias” (Marín, 2006, p. 39). Segundo defende o autor, é da natureza humana se posicionar culturalmente de forma única as vezes em prol do opressor.

Marín (2019) alerta que habitamos em uma casa comum chamada terra e coberta por água. Dessa forma, cada um de nós apresenta uma única história genética. E, por essa razão, não podemos constituir uma raça sequer inferior à nossa própria família. De acordo com o autor “[...] somos todos diferentes e ao mesmo tempo, formamos parte de uma mesma espécie biológica<sup>1</sup>” (Marín, 2019, p. 8). Desqualificar para oprimir, tendo como princípio o racismo como construção ideológica, foi a regra principal para justificar uma ordem econômica e social injusta, imposta pela dominação colonial na África, América, Ásia e Oceania.

Esta perversidade ideológica cravou na sociedade um racismo que tenta justificar uma superioridade de uns sobre outros a partir de determinadas categorias e hierarquias biológicas e culturais absurdas (Maia *et al.*, 2020).

Diante disso, superar os desafios do ensino da Geografia se constitui em informar aos alunos e alunas que a colonialidade marca as estruturas de poder, e influência nos modos de ser, saber e estar, entre o sujeito conhecido e o sujeito a ser conhecido.

#### **4.1 Desconstruindo pressupostos da colonialidade**

No contexto da América Latina, sobretudo nos países surgidos da dominação colonial, a modernidade limita-se a uma mera proposição ideológica política, esvaziada de seu contexto histórico, servindo apenas para legitimar a expansão do capitalismo selvagem que insiste em nos destruir. Marín (2006) assegura que o mito do progresso “[...] vai criar falsas oposições entre o moderno e os conhecimentos adquiridos das culturas tradicionais; entre a cultura escrita e a cultura oral e vai acabar destruindo um patrimônio cultural coletivo importante” (Marín, 2006, p. 39).

Essa concepção criou um modelo de dominação econômica e expansão do capitalismo em que se deu a mudança cultural, justificando genocídios e a destruição cultural de inúmeras nações indígenas e africanas, vítimas de todo tipo de atrocidades em nome da modernidade.

Denegrir o oprimido será a regra fundamental em uma escala de valores que pertencem à cultura dominante, estruturada a partir da imposição da

---

<sup>1</sup> “Somos todos diferentes y al mismo tiempo, formamos parte de una misma especie biológica” (tradução livre).

universalidade de sua civilização, considerada como a única base para imaginar também um modelo único de visão de mundo, de sociedade, de economia, de política e de cultura. (Marín, 2006, p. 38).

No Brasil, atualmente os pesquisadores decoloniais mostram que os colonizadores não satisfeitos com a exploração e escravização dos povos nativos buscam na escravização dos povos africanos, mais uma opção para seus projetos de “desenvolvimento”. Um percurso que se deu por vários séculos de negação de direitos básicos de sobrevivência. Esse percurso que legitimou a violência via escravidão perpetua a mentalidade do brasileiro até hoje, pois é esse o pensamento que se posiciona contra políticas afirmativas e também que culpabiliza o povo negro por sua própria situação.

Nessa perspectiva, Suess & Silva (2019a) corroboram afirmando que a importância do movimento decolonial no ensino se pauta justamente pela necessidade de uma renovação epistemológica crítica dos estudos das ciências sociais no âmbito latino-americano. Movimento esse que teve início nos anos de 1990, com a criação do grupo Modernidade/Colonialidade, liderado por pesquisadores latinos, distribuídos em diversas universidades das Américas, em busca de um novo projeto de sociedade.

Quijano (2005), Escobar (2014), Libâneo (2012), Dussel (1993), Santos (2010) são considerados autores seminais que sustentam a decolonialidade. Trata-se de um projeto político social que traz alternativas de inclusão e afirmação da existência de vidas em todas as dimensões, portanto sujeitos aos mesmos direitos, igualdade e liberdade.

Santos (2010) defende o pensamento crítico emancipatório, sobretudo no campo acadêmico dos estudos pós-coloniais. A partir da terminologia “Epistemologias do Sul”, o autor aponta o sofrimento, a exclusão e uma destruição histórica dos povos discriminados, explorados e oprimidos pelo capitalismo e o colonialismo. Assegura que é necessário repensar as relações interculturais para combater essa forma de sociabilidade colonial que persiste ainda nos dias de hoje, depois de décadas do fim do colonialismo formal. Fundamentalmente, realiza uma crítica à modernidade a ponto de revelar os esquemas epistemológicos e políticos de imposição e universalização do conhecimento, de forma a inferiorizar, dominar e explorar o outro. E nesse sentido,

cria espaços de diálogos e construir coletivamente o valor da unidade na diversidade e pluralidade dos povos. Marín (2006, p. 52) contribui afirmando que

A ocidentalização do mundo que se traduz na destruição cultural de grandes espaços geográficos, como resultado da dominação cultural do colonialismo e do pós-colonialismo, bate, hoje em dia, nas portas e nas praças de Europa, em uma viagem simbólica de regresso às fontes da história da imposição em outros territórios e em outras épocas, de valores supostamente universais, originados na mesma Europa. Este processo de imposição do etnocentrismo europeu, que corrompeu e arruinou tantas culturas no mundo, é atacado atualmente pela americanização que “invade” seu território.

## 4.2 Por uma pedagogia decolonial na Geografia

Apesar da democratização do ensino, especialmente com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei nº 9.394/96, associada a uma divisão socioeconômica clássica, a educação no Brasil se constitui diferenciada entre determinados grupos sociais. Para a classe dominante, ela é um meio de formação intelectual, enquanto que para o pobre a escola é uma forma de se qualificar para o trabalho (Suess & Silva, 2019a).

Ao tratarem da descolonização da Geografia Escolar, Suess & Silva (2019a) partem da realidade da educação como um todo, portanto colonizada. Isto posto, demandando novos comportamentos também no campo acadêmico, no processo formativo e em toda a ordem que afeta a organização do espaço/tempo escolar no/do trabalho pedagógico.

Os autores supracitados consideram que a Geografia brasileira compõe o pensamento geográfico mundial se alimentando fortemente da produção de outros países, e que no ensino regular começou a fazer parte em meados do século XIX. Desde então, a busca pela construção de processos educativos que privilegiem as diferenças culturais se intensifica, mesmo com certa instabilidade, avanços e retrocessos (Suess & Silva, 2019a).

A construção de um projeto epistemológico ético e político a partir de uma crítica aos postulados históricos, sociológicos e filosóficos do ponto de vista da decolonialidade passa, sem dúvida, pelo ensino escolar. Essencial para a formação de cidadãos e cidadãs conscientes de seu lugar no mundo, seus condicionantes e suas possibilidades e, “[...] a Geografia é uma importante forma de conhecimento a

respeito do espaço e, nesse contexto, de nós, dos outros e do mundo em que vivemos” (Suess & Silva, 2019a, p. 8).

Dessa forma, a escola, tal como a conhecemos, tem reforçado a imposição da concepção colonial, de forma a privilegiar a cultura escrita em detrimento da “cultura oral e os conhecimentos das culturas tradicionais” (Marín, 2006, p. 38). Para o autor, o processo de ocidentalização tem salvaguardado um tipo de inteligência e uma única forma de construir o conhecimento, gerando por consequência um processo de exclusão e invisibilidade de um grande patrimônio cultural.

Ainda de acordo com Marín (2006), a institucionalização do saber pela cultura dominante compreende apenas um pequeno território do saber, excluindo a riqueza da vida cotidiana. O autor aponta a necessidade de resgatar a função crítica da escola, e colocá-la a serviço da transformação social a partir da perspectiva decolonial “[...] ao lado de uma orientação crítica e humanista, podem contribuir muito para esse projeto de sociedade que perpassa a educação”. (Marín, 2019, p. 3).

O ensino da Geografia, nesse contexto, assume um lugar junto das principais disciplinas escolares e, como todas as disciplinas ensinadas nas escolas, tem responsabilidade em formar e preparar o ser humano para que este esteja a serviço “[...] radicalidade dos fatos, em desmitificar preconceitos e contribuir para a quebra da colonialidade que marcam a estrutura do poder, o modo de ser e o modo de saber desses sujeitos” (Marín, 2019, p. 4).

A Geografia deve possibilitar aos alunos a compreensão da espacialidade, da localização e que possuem uma materialidade, uma intersubjetividade, e por consequência “implicam em ações e reações na sociedade e na natureza” (Marín, 2019, p. 4).

Lamentavelmente, por séculos, a escola atua na negação das identidades culturais se valendo de um único tipo de inteligência e uma maneira específica de construção do conhecimento. Esse saber institucionalizado pela cultura dominante, compreende tão somente um pequeno território do saber, colocando em curso um processo de exclusão, sacrificando um grande patrimônio cultural coletivo da vida cotidiana. Segundo Marín (2006, p. 40) “[...] nessa perspectiva, os povos indígenas e as outras culturas são vistas como atrasados e considerados um obstáculo para a globalização do capitalismo”. Essas “verdades” inferiorizam o saber e o modo de vida de outras culturas, diante disso, o autor assegura que investir em uma educação



intercultural, nessa perspectiva, pode criar um espaço propício para o diálogo, tornando possível o encontro das culturas e uma mudança de paradigmas.

Marín (2006) acrescenta que a educação assim posta se torna o eixo principal para a preservação da diversidade cultural e por consequência para a compreensão do mundo. E assim discorre o autor, sobre a educação como “[...] transmissora de valores fundamentais, constitui a essência para imaginar projetos de sociedades viáveis, capazes de garantir a dignidade de que todos precisamos” (Marín, 2006, p. 37).

Em razão disso, a escola, ao assumir os princípios da decolonização, se propõe a reconstruir um conhecimento produzido a partir das bases, ou seja, levando em consideração a pluralidade de vozes e grupos sociais, de modo a ressignificar nosso pensar e agir no mundo. Essa proposta de desconstrução impõe uma nova leitura do espaço geográfico e uma nova postura diante do outro. Deve, de forma ampla, perceber os saberes outros e de fato respeitá-los, todavia “[...] não se trata de forjar uma nova sociedade baseada em velhos modelos de opressão, na qual para alguns serem felizes uma camada seja destruída ou oprimida” (Suess & Silva, 2019a, p. 10). Mais do que a mera inclusão de temas curriculares, é preciso ampliar o foco para o reconhecimento das diferenças repensando as relações e procedimentos a partir de uma nova perspectiva.

Garantir um ambiente de respeito entre nós e os outros requer a superação de padrões epistemológicos e hegemônicos e a afirmação de novos espaços de poder e saber, em uma sociedade multicultural deveria ser uma função da educação. Ensinar a encontrar o equilíbrio a partir do diálogo e do respeito às diferenças longe de proposições reducionistas ou simplistas da complexidade da sociedade ao qual pertencemos é o que cabe à escola e à Geografia no cenário atual.

A Geografia, na perspectiva decolonial, abrange o espaço geográfico, o lugar, a paisagem, o território, a região, a sociedade e a natureza. A geografia na perspectiva decolonial olha todos os lugares de forma ocupada, é possível visualizar territórios indígenas, territórios quilombolas, assentamentos de homens e mulheres do campo, ambiente dos povos ribeirinhos, geografia das cidades e suas complexidades, geografia dos povos amazônicos, há em todos esses espaços uma interconectividade com os seres humanos, outros seres e o mundo físico e tecnológico que os co-habitam.

Desses conceitos apresentam a definição, a contribuição decolonial, as situações didáticas e os seus principais pesquisadores. No bojo das principais disciplinas do ensino formal, a Geografia deve buscar desmistificar conceitos prontos e acabados, tidos como verdades absolutas pelas estruturas de poder colonial. Não se trata tão somente de um rompimento, mas de entender que modernidade é fruto do encontro de diversas culturas, não só a europeia ou ocidental.

Cabe ainda à Geografia escolar permitir que estudantes se conscientizem de que o

Pensamento decolonial é um pensamento que se desprende de uma lógica de um único mundo possível (lógica da modernidade capitalista) e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos. Trata-se de uma busca pelo direito à diferença e a uma abertura para um pensamento-outro. Ele se constitui em uma das variadas oposições planetárias do pensamento único. (Suess & Silva, 2019b, p. 6).

De acordo com estes autores, a ressignificação de termos e conceitos fazem parte dos esforços necessários para a efetivação da decolonialidade no ensino da Geografia. Dentre eles estão o resgate de autores outros que saiam do eixo Norte Global, produções que apontem o papel que a América exerce no mundo.

Dar maior visibilidade aos estudos produzidos na América, sobretudo nos conteúdos de Geografia

E relacioná-la com outras temáticas como Europa, globalização, integração latino-americana, urbanização, concentração fundiária, história dos afrodescendentes e valorização dos povos indígenas e camponeses; desmitificar a Europa como centro do mundo, inclusive nos mapas e em outras representações geográficas e cartográficas. (Suess & Silva, 2019b, p. 5).

Evidenciar que o conceito de raça tem sido utilizado para justificar a dominação e a distribuição de novos espaços e mapas. A partir daí, desconstruir preconceitos e estereótipos presentes no colonialismo do saber. Deixar claro que houve um grande

[...] genocídio/epistemicídio dos povos indígenas, negros e outras minorias políticas como um projeto de poder. Considerá-lo como um conteúdo básico, viabilizando, assim, o resgate e a valorização da multiplicidade cultural. (Suess & Silva, 2019b, p. 15).

Em conformidade com os autores, é preciso desnaturalizar a pobreza, indo além das questões de classes e gênero como proposta para uma nova leitura da sociedade e dos espaços geográficos. Dentro dessa perspectiva, faz-se necessário

questionar o atual modelo civilizatório e buscar a interculturalidade e transculturalidade, mantendo a pesquisa como princípio educativo e consequentemente uma ferramenta capaz de efetivar um novo ensino de Geografia.

Segundo Suess & Silva (2019b), a construção desse novos modelos no ensino da Geografia tem sido considerada uma importante ferramenta no processo da desconstrução da colonialidade do poder, do saber e do ser, “[...] isso significa uma nova leitura do espaço geográfico e uma nova postura diante do outro [...] por um viés espacial crítico, reflexivo e humanista” (Suess & Silva, 2019b, p.07). Além de significar tudo isso, significa também ser a ferramenta da interculturalidade crítica, pois a mesma só é possível pelo viés da desconstrução, da decolonialidade e do olhar humano esperançoso, do verbo esperar, como nos ensinou Freire (1992).

### **4.3 Protagonismo juvenil – Direitos humanos**

O discurso do protagonismo juvenil apresenta características de novos atores sociais, trata de comportamentos que incentivam os jovens a pensar com autonomia e não só individualmente, mas também coletivamente. É importante reconhecer que a participação dos adolescentes pensando socialmente e culturalmente proporciona benefícios em sociedade.

A intenção primordial é identificar o enunciado protagonismo juvenil como aquele que conseguiu aglutinar noções, objetos e outros enunciados e passou a designar um discurso que prescreve uma nova forma de participação para a juventude. (Souza, 2006, p. 16).

O período da adolescência e juventude é uma fase de grande importância na vida do sujeito, visto que nesse período se dá grande parte da formação de sua identidade. Nos últimos anos, vem sendo analisada e reforçada essa validação do Protagonismo Juvenil pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), introduzindo nas grades escolares competências gerais e específicas que corroboram a independência e o empoderamento juvenil (Souza, 2006, p. 16). A partir disso se reforça o conhecimento no meio estudantil e automaticamente se reflete em bons retornos no meio social.

#### **4.3.1 Direitos humanos**

A ideia principal a ser considerada quando se trata da discussão acerca dos direitos humanos, ou melhor dizendo, de sua definição ou conceito, é afirmar que todo e qualquer indivíduo deve ter seus direitos respeitados e garantidos pelo simples fato de sua humanidade. Este tema tem grande relevância para várias áreas de estudos, “[...] existe dentro dessa perspectiva toda dos direitos humanos o peso do julgamento social e cultural assim como abordagens jurídicas a serem consideradas” (Pinheiro, 2016, p. 115).

De fato, quando introduzido o debate sobre os direitos humanos, a primeira coisa que vem à mente normalmente são questões de justiça, relacionadas a crimes, mas existem também situações do meio social que são bens comuns no dia a dia e que não são percebidas e que envolvem até mesmo questões do alcance de políticas públicas, do respeito a cidadania (Pinheiro, 2016).

Entende-se que os direitos humanos precisam se basear em três dimensões, sendo elas a liberdade, na qual encontram-se os direitos civis e políticos, mas tendo a compreensão de que não é um processo estagnado, mas situações que estão em constante análise e mudança, concedendo liberdade de expressão, direito de ir e vir, direito ao voto, entre outras características marcantes dessa dimensão. A segunda é a igualdade, que contempla os direitos econômicos, sociais e culturais do sujeito, estando esse também em crescimento continuamente, em busca da valorização do trabalho do sujeito “[...] e uma melhora na qualidade de vida do mesmo, fornecendo saúde, educação, uma boa remuneração, ou seja, qualidade de vida, e por último, fraternidade que são os direitos a paz independente de sua raça, cor ou condição social” (Mendonça, 2020, p. 21).

## **CAPÍTULO V**

### **INICIAÇÃO CIENTÍFICA: FORTALECENDO TERRITÓRIOS RURAIS**

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa, apontando a interação entre Comunidade Rural e científica como instrumento de potencialização do ingresso ao Ensino Superior e trocas de saberes da Comunidade Agrovila das Palmeiras.

O território rural vem sendo estudado por vários pesquisadores da Geografia brasileira e, neste cenário, merece destaque ao professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, que é um dos geógrafos brasileiros que afirma que, ao se constituir como ciência, no século XIX, a Geografia já nasce sob a influência do positivismo e do historicismo, “[...] mas, em caminho contrário a estas duas correntes, nasce também dialética” (Bombardi, 2007, p. 315).

Oliveira (2001) aponta a lógica do desenvolvimento capitalista moderno que é muito desigual e, para tanto, parte do princípio de que o capitalismo e a consequente expansão no campo, são, portanto, heterogêneas, complexas e plurais. Em oposição ao pensamento daquele que enxerga uma expansão do trabalho assalariado no campo, como característica fundante do capitalismo, o professor Oliveira (2001, p. 185) enfatiza que

O capital trabalha com o movimento contraditório da desigualdade no processo de seu desenvolvimento. No caso brasileiro, o capitalismo atua desenvolvendo simultaneamente, na direção da implantação do trabalho assalariado, no campo em várias culturas e diferentes áreas do país [...]. Por outro lado, este mesmo capital desenvolve de forma articulada e contraditória a produção camponesa.

Dos pressupostos apontados pelo professor Umbelino, um diz respeito ao caráter da renda. Para o autor, no Brasil, isso significa que o modelo de produção se faz pela fusão, em uma mesma pessoa “do capitalista e do proprietário de terra” (Oliveira, 2001, p. 186). Um processo que teve início na escravidão e, cada vez mais consolidado, mas se ampliou significativamente na segunda metade do século XX. O professor acentua ainda que, no Brasil, a burguesia faz exatamente um movimento que solidifica o capitalismo no seu lado mais perverso.

Para Marques (2018, p. 507), “Ariovaldo Umbelino de Oliveira é peça-chave na construção de uma geografia agrária marxista e comprometida com as lutas sociais no campo”, pois segundo esta autora, em suas obras, Oliveira apresenta as

contradições e lutas que marcam a expansão do capitalismo no campo e o consequente aprofundamento da questão agrária fica muito evidente, assim como a luta de classes. É impossível discutir o campo brasileiro sem a leitura das obras ou contribuições do professor Oliveira.

Neste cenário, no estado de Mato Grosso, também existem professores que muito têm contribuído com a Geografia mato-grossense, como Cornélio Silvano de Oliveira, que foi um dos orientadores de mestrado e doutorado em Geografia, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cornélio foi seu segundo orientando de mestrado quando o professor Oliveira ainda era professor na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) de Rio Claro e a professora Gislaene Moreno, que foi sua orientanda no doutorado e tem uma obra de leitura imprescindível: *Terra e Poder em Mato Grosso*.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira aponta que as grandes extensões de terras concentradas nas mãos de diversos grupos econômicos, funcionam ora como reserva econômica, ora como patrimonial, “[...] ou seja, como instrumentos de garantia para o acesso ao sistema de financiamentos bancários, ou ao sistema de políticas de incentivos governamentais” (Oliveira, 2001, p. 187).

Em conformidade com o autor, o que se apresenta hoje no Brasil é uma estrutura fundiária extremamente concentrada e, como consequência, gera um conjunto de miseráveis. Oliveira desenvolveu uma teoria para tratar do desenvolvimento desigual do capitalismo na agricultura e as formas como o capital monopoliza e se expande no campo.

Na perspectiva analisada pelo autor, verifica-se que dados atuais apontam um Brasil com mais de 33 milhões de brasileiros abaixo da linha da miséria absoluta, destes temos um percentual de 18% classificados como indigentes e 38% destes classificados como pobres (IBGE, 2023). Essa realidade, reafirma o posicionamento de Oliveira, que evidencia a lógica contraditória do capitalismo que concentra terras, empurrando uma parcela cada vez maior da população para áreas periféricas gerando um ciclo de mais pobres e miseráveis. Isso vale também para o próprio campo,

Certamente, a maioria dos filhos dos camponeses, cujas propriedades tenham superfície inferior a 10 hectares, jamais terão condições de tornar camponeses nas terras dos pais. A eles caberá apenas um caminho: a estrada. A estrada que os levará a cidade, ou a luta pela reconquista da terra. (Oliveira, 2001, p. 188).

De acordo com o dito por Oliveira (2001), a migração é uma das principais características da população brasileira. De forma geral, contrariando algumas interpretações, o quadro tem mostrado que a população rural cresceu, promovendo no país uma verdadeira aventura retirante.

O autor afirma ainda que ao apontar a condição do produtor, verifica-se uma queda nos estabelecimentos comandados pelos arrendatários, parceiros e posseiros, respondendo por mais de 87% desta queda. Aponta que a pressão exercida pelos movimentos sociais em luta pela Reforma Agrária revelou que os proprietários não estão cedendo suas terras aos arrendatários, todavia, percebe-se uma queda de 3% no número de estabelecimentos controlados pelos proprietários. Entretanto, de maneira geral, o processo de concentração fundiária continua e de migração campo cidade no Brasil.

O autor apresenta uma série de situações que contribuíram para esta combinação estrutural que acabou por deixar marcas indeléveis no campo brasileiro nas unidades do campo; o predomínio do trabalho familiar, nas unidades capitalistas; a presença dominante do trabalho assalariado. Segue o professor Oliveira (2001) apontando que, apesar de ocupar uma superfície de 70,5 milhões de hectares (18% do total do país), o acesso ao crédito rural tem sido difícil, oportunizando a apenas 5%, perfazendo 30% do total. Para ele, no que se refere às tecnologias, o quadro não é diferente e discorre ainda que essas são algumas das razões pelas quais os camponeses lutam teimosamente em duas frentes; uma, para terem o direito de permanecer no campo como proprietário e a outra frente ter condições para permanecer na terra como produtores de alimentos, fundamentais na composição da sociedade brasileira (Oliveira, 2001).

Desse modo, abordar a apropriação do espaço pela juventude rural, tendo em perspectiva a dinâmica de seu projeto de vida, aponta para a importância da forma de inserção na terra como também atuação de mediadores sociais na apropriação do espaço voltados para a própria comunidade.

### **5.1 Território, a inserção da comunidade rural tradicional Agrovila das Palmeiras**

Na semana do meio ambiente, sob a proteção de uma generosa árvore de tamarindo, o vento sopra levemente, o cheiro do café dá para sentir da porteira

delicadamente decorada na entrada: “Sítio das três Marias”. Trata-se do sítio de dona Maria e seu esposo, Wakinagni, que fazem parte das mais de 800 famílias que vivem hoje na Comunidade Agrovila das Palmeiras, a 88 km da capital mato-grossense (Figura 12).

Figura 12. Vista parcial do sítio de dona Maria e esposo Wakinagni, comunidade Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Maruyama (2022).

A prática da pesquisa nas universidades deve ir além de produzir conhecimento, deve ser uma ferramenta para inovação dos conceitos ou para obter um pensamento racional e mais próximo da verdade, criando possibilidades de colocar o aluno desde cedo em contato direto com a atividade científica e engajá-lo na pesquisa. O conhecimento é importante para todos os segmentos da humanidade, tornou-se valioso, pois quem o domina pode ter acesso a inúmeras oportunidades (Teixeira, 2010). Desse modo, será possível a construção do conhecimento voltado para uma construtiva, como podemos ver na atividade prática na comunidade de Agrovila das Palmeiras.

Na Comunidade Agrovila das Palmeiras, Dona Maria José da Silva Wakinagni estimula e ensina a preparação de mudas em pequenos viveiros fixados em seu quintal (Figura 13).



Figura 13. No sítio de D. Maria Wakinagni, Agrovila das Palmeiras



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

É no quintal da casa de dona Maria José da Silva Wakinagni, 59 anos, que voluntários, pesquisadores, alunos de graduação e mestrado e moradores da Comunidade se reúnem para mais um dia de vivência e trocas de saberes na Semana do meio Ambiente de 2021, promovida pela Prefeitura de Santo Antônio de Leverger em parceria com a Cooperativa Agropecuária Mista de Santo Antônio de Leverger (COOPAMSAL). A cooperativa estimula e ensina a preparação de mudas em pequenos viveiros fixados nos quintais da casa das famílias atendidas, onde uma equipe de técnico e pesquisadores que acompanham o preparo das mudas. Para descontraí-las, a animada prosa floresce tanto o conhecimento científico como o popular.

Geraldo Mariano, bolsista do Projeto do Campo à Mesa, ex-Bolsista do Projeto de Iniciação Científica Júnior, estudante regular no Curso de Engenharia Florestal na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), estagiário do Projeto do Campo à Mesa (Figura 14).

Figura 14. Troca de saberes entre Geraldo Mariano, Doutora Lisanil Pereira e a Prefeita Franciele Magalhães



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

Geraldo, que nasceu na comunidade, conta o quanto foi importante ter tido a oportunidade de participar como aluno do Ensino Médio na elaboração de textos de Iniciação Científica. Seu depoimento evidencia o quanto a didática, ou seja, a forma de ensinar é importante para a formação do sujeito e, nesse contexto, o professor deve atuar de forma a contextualizar os conhecimentos científicos para que seus alunos superem possíveis dificuldades que são pertinentes à vida universitária e, consequentemente, para que possam, também, alcançar o sucesso profissional. Teixeira (2010, p. 17) diz que a sociedade “[...] passou a exigir indivíduos que pensem globalmente e atuem localmente”, como pode-se perceber no relato de Geraldo.

Com a participação no Projeto de Iniciação Científica Júnior eu pude perceber que fazer um curso de nível superior em uma universidade pública era possível para mim, então assim que terminei o ensino médio ingressei no curso de Engenharia Florestal e hoje sou pesquisador no lugar de minha origem.

Imbernón (2012, p. 50-51) contextualiza que “[...] aprender na universidade já não pode ser tão somente a repetição mecânica de conhecimento, mas precisa incluir habilidades como flexibilidade de pensamento, a comunicação, o trabalho em grupo e a tomada de decisões nos processos”. A inserção do menino Geraldo nesse processo teve a participação importante de seus professores do Ensino Básico, em especial da

professora Rosilene Maruyama, que sempre esteve à frente de projetos que incentivem os alunos a serem protagonistas de suas histórias, como relata a própria professora em seu depoimento (Figura 15).

Figura 15. Mestre Rosilene Maruyama



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

Eu vejo que um dos maiores benefícios do Projeto de Iniciação Científica Júnior aos alunos do Ensino Médio, no qual eu venho orientando, é a aproximação com a pesquisa científica e o mundo universitário. Isto porque, nossos alunos da Escola no Campo têm o pensamento que ingressar em um ambiente acadêmico parece ser algo distante.

A pesquisa na escola não deve ter apenas o objetivo de ocupar o aluno, desse modo o projeto de iniciação científica deve ir além de formar pessoas, deve formar pessoas curiosas acerca do que se passa no mundo, assim, por meio dessa busca diante dos projetos de pesquisas, acredito que o conhecimento será construído pelo próprio educando, como aconteceu com os alunos que venho orientando desde o primeiro Projeto de Iniciação Científica Júnior do CNPq (MARUYAMA, 2022).

Ao lado da orientadora, a bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e hoje Mestre em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Rosilene Rodrigues, que é uma importante agente da **comunidade, é professora** na Escola do Campo Nagib Saad, onde pesquisa a inserção e resultados do Projeto de Iniciação Científica Júnior na sua comunidade. Rosilene, que também morou quase 10 anos no Japão, enfatiza a importância de sua

pesquisa para a Comunidade, onde vive desde que voltou do Japão. “Lá estava apenas meu corpo e minha cabeça, meu coração e minha alma sempre estiveram aqui e voltei para meu verdadeiro lugar, o campo”.

Nessa perspectiva, Antunes refere que essa posição ressalta o valor da perspectiva construtivista da aprendizagem e redefine o papel do professor.

[...] Em síntese, o papel do novo professor é o de usar a perspectiva de como se dá a aprendizagem, para que, usando a ferramenta dos conteúdos postos pelo ambiente e pelo meio social, estimule as diferentes inteligências de seus alunos e os leve a se tornarem aptos a resolver problemas ou, quem sabe, criar ‘produtos’ válidos para seu tempo e sua cultura (ANTUNES, 2009, p. 97-98).

A prosa na comunidade evoluiu durante todo dia em um ambiente rico em trocas e experimentações. O estudante de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Geraldo Mariano, 21 anos, não deixa de executar suas tarefas entre um papo e outro. Ele, que é morador da agrovila e foi bolsista de Iniciação Científica Júnior por seis meses quando tinha apenas 16 anos, conta orgulhoso do estímulo que teve para ingressar no Ensino Superior. “O projeto despertou em mim a vontade de estudar e fomentar a pesquisa”. Hoje, Mariano leva relatos para toda a Comunidade sobre a importância do projeto, da pesquisa e da formação superior na potencialização da produção e crescimento de sua Comunidade (Figura 16).



Figura 16. Dia de campo: comunidade, bolsistas e pesquisadores da UFMT.



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

Geraldo não é o único morador de Comunidade Tradicional que teve sua vida atravessada pelo Projeto de Iniciação Científica Júnior. A voluntária Daniela Gonçalves Neto é mais uma jovem que recebeu o estímulo para a pesquisa e soube aproveitar bem. Após seis meses como bolsista do projeto, recebendo o auxílio de R\$ 100,00/mês durante seis meses, Daniela seguiu o caminho da pesquisa e hoje é estudante de Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Vinda da Comunidade Minauro, em Poconé, acredita que sua formação no Ensino Superior poderá ajudar sua família e transformar de alguma forma sua Comunidade (Figura 17).

Figura 17. Estudante do curso de Licenciatura em Geografia na UFMT



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

“Esta é a verdadeira transformação, o resultado que esperávamos do projeto”, afirma a professora Dra. Lisanil Conceição Patrocínio Pereira, responsável pelo Projeto de Iniciação Científica Júnior. Este projeto, juntamente às comunidades tradicionais abriu, em 2021, processo seletivo para 40 bolsas e 160 bolsas para 2022. Segundo a professora e pesquisadora, estimular a pesquisa na educação rural é investir nos jovens para que eles alcancem a Pós-graduação, o que pode ser benéfico para si e para suas comunidades (Figura 18).

Figura 18. Estudantes de Geografia Daniela e Geraldo Mariano planejando ação para determinar a quantidade de mudas para o viveiro



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), arquivo da autora, 2022.

É preciso compreender o significado de uma programação pontual em homenagem ao meio ambiente para esta Comunidade Rural (Figura 19).

Figura 19. Preparo de mudas pela comunidade na Semana do Meio Ambiente



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

Não se trata de um evento qualquer, entre o cheiro do café passado e a prosa entre a comunidade e pesquisadores, é possível compreender, de forma instintiva, o significado da cultura do campo para as irmãs Maria e Rose. Não é difícil perceber a docilidade e a receptividade daqueles e daquelas que vivem no campo. A oferta de um prato de galinha com arroz, do feijão temperado a bel prazer, o copo de leite diretamente do balde de alumínio e até uma sacolinha de limão para levar para casa, são ações que se tornam símbolos incontestáveis da vida e práticas do campo. E é assim, a partir da percepção que pulsa no olhar dos pesquisadores, que a comunidade segue em parceria ampliando paulatinamente seus jovens no ingresso ao Ensino Superior, no campo da pesquisa científica.

A partir da compreensão da educação do campo como instrumento fundamental para o desenvolvimento das comunidades, a Prefeitura, bem como agentes políticos, vereadores não se fazem omissos ao processo que emerge frente a tantos atos de violência contra o meio ambiente e povos tradicionais. Para a professora aposentada, Euzemar Fátima Siqueira, a atividade, bem como as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nas comunidades rurais são importantes objetos de conhecimento e podem e devem ser cada vez mais estimulados, uma vez que demonstram a viabilidade por meio dos resultados

Para a Prefeita de Santo Antônio de Leverger, Franciele Magalhães, ver e acompanhar projetos como os que têm sido executados na Zona Rural de Santo Antônio, é fundamental. Ela, que é a primeira mulher Prefeita da cidade vinda de zona rural, se apresenta como um importante marco de resistência no processo de enviar as possibilidades e as qualidades que o campo têm nas suas várias dimensões, sejam elas técnicas no manejo, ética, no modo de vida, ou política, dentro da significativa luta no campo. “Se a sociedade quiser ter vida longa, terá de cuidar do meio ambiente”, reforça a estudante de Geografia Daniela (Figura 20).



Figura 20. Estudantes participando de oficinas no preparo de mudas para o viveiro



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo do autor 2022.

## 5.2 Entrevistas com as professoras Euzemar Fátima Lopes Siqueira e Sônia Gonçalves

Euzemar F.L. Siqueira inicia sua fala sobre a Bolsa Júnior proporcionada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), benefício que proporciona a inserção de estudantes do Ensino Médio. No Estado de Mato Grosso, a instituição que desenvolve este projeto é a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), sendo mentora a Professora Doutora Lisanil Conceição Patrocínio Pereira, cuja sensibilidade percebeu que se trabalha proporcionando o contato com a produção científica e o envolvimento destes estudantes, tendo como espaço escolar e a comunidade local, seu território de vivências (Figura 21).

Figura 21. Professora aposentada e integrante da Comissão de Articulação da I Mostra Científica Estadual, Euzemar Lopes Fátima Siqueira



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

A Bolsa de Iniciação Científica Junior (BICJr.) é a concessão de benefício do governo federal (Ministério da Cidadania e CNPq) destinado a estudantes, visando estimular o desempenho científico de excelência. O benefício mensal é concedido a estudantes, integrantes de famílias beneficiárias do Programa Auxílio Brasil, participantes de olimpíadas escolares e medalhistas, que tenham se destacado em competições acadêmicas e científicas de abrangência nacional (Brasil, 2022).

São selecionados estudantes de famílias cadastradas no CadÚnico (Cadastro Único), programa de benefícios às famílias. A Bolsa de Iniciação Científica Júnior visa reconhecer o desempenho e estimular a participação de estudantes, além de ser um incremento à renda da família, incentiva esses estudantes a continuarem se dedicando aos estudos, em busca de um futuro melhor (Brasil, 2022).

Para se candidatar à Bolsa de Iniciação Científica Jr., o estudante precisa estar regularmente matriculado em curso de graduação de instituição de Ensino Superior pública ou privada, reconhecida pelo Ministério da Educação e possuir orientador com vínculo comprovado com a instituição, em regime de tempo integral (40 horas). A Bolsa deve ser solicitada pelo pesquisador (orientador) e tem duração de 12 (doze) meses. Em 2023, foram disponibilizadas 125,7 mil Bolsas de Iniciação Científica para

preparar melhor os professores, peça central na elevação da qualidade do ensino básico. Atualmente, os valores dos repasses variam de R\$ 400 a R\$ 1.500. A Bolsa Permanência, por sua vez, teve o primeiro reajuste desde que foi criada, em 2013 (Brasil, 2022).

A iniciação científica é uma modalidade de pesquisa acadêmica na qual o universitário aprofunda seus estudos em um determinado tema de sua escolha. Os projetos de pesquisa podem ser realizados em diversas áreas do conhecimento e sempre têm o apoio de orientadores da instituição de ensino. O programa é uma oportunidade para estudantes de graduação desenvolverem pesquisas científicas que podem ser publicadas e apresentadas em eventos científicos (Brasil, 2022).

O Edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) é aberto no primeiro trimestre de cada ano. O processo de seleção de bolsistas é finalizado no mês de julho e as bolsas implementadas em agosto. A regulamentação do processo encontra-se em edital disponível no endereço eletrônico do programa e a concessão das bolsas está condicionada à disponibilidade orçamentária e financeira do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Professora Lisanil Pereira participando de atividade do Dia do Meio Ambiente junto a membros da Comunidade Agrovila das Palmeiras (Figura 22).

Figura 22. Atividade do Dia do Meio Ambiente



Fonte: acervo do autor 2022

Na fala da mentora, Dra. Lisanil Pereira:

Enquanto educadora, observo que esta ação é de suma importância uma vez que promove o despertar do cidadão quanto a sua condição de cidadão e ao processo decolonial, que valoriza o que realmente somos em um sistema capitalista, onde as relações são descartáveis (PEREIRA, 2022).

Inicia-se a participação neste processo em 2019, em um Seminário da Educação do Campo, onde já havia a participação de estudantes que recebiam a Bolsa Júnior do CNPq, enviado ao CNPq pela Professora Dra Lisanil Pereira, que neste processo já tinham a responsabilidade ativa de organizar o evento em uma escola do campo, no Distrito de Agrovila das Palmeiras – município de Santo Antônio do Leverger.

A realização do Seminário nesta localidade trouxe a possibilidade de desenvolver na prática um dos princípios da educação do campo, que é o princípio da coletividade. A Professora Lisanil Pereira foi designada pela Gerencia da Educação do Campo da Secretaria de Estado de Educação para realizar uma oficina de Letras Decorativas, pois estes eventos buscam atividades para o aprendizado do artesanato e práticas de produção, visto que a comunidade rural busca alternativas de renda para a população local indo de encontro aos princípios da Economia Solidária.

No primeiro dia do Evento, foi observada a participação dos estudantes, como bolsistas júnior, na organização dos comitês, que é uma forma de envolver todos de maneira coletiva na organização do evento, sendo distribuídos em alegria – responsável por atividades de entretenimentos na abertura e intervalo do evento, organização/tempo, responsável pela organização do espaço e controlar o tempo das atividades e/ou fala dos palestrantes e o da memória, responsável por narrar os acontecimentos do dia, e apresentar no dia seguinte de forma reflexiva.

Neste evento, a Professora Lisanil participou do comitê da memória e teve a oportunidade de conhecer e desenvolver amizade com uma estudante, acompanhando seu caminhar acadêmico e que hoje a é formada em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

E continua o relato da Professora Lisanil.

No ano de 2021, me foi oportunizada a ser colaboradora da I Mostra Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas do Estado de Mato Grosso. Realizada de forma híbrida, sendo que o momento presencial ocorreu na



ADUFMAT/UFMT em Cuiabá no período de 06 a 08 de dezembro de 2021 (Pereira, 2022).

Na condição de Professora Aposentada do Estado de Mato Grosso, vi a oportunidade de estimular jovens a desenvolver a pesquisa decolonial por meio da escrita de artigo científico, e concorrer a Bolsa Júnior do CNPq, pois como disse anteriormente, acompanhei a estudante em seus estudos na academia e a desenvoltura por participar de um projeto onde a colocava como protagonista de sua história.

Neste momento, participei da equipe de articulação/mobilização de escolas do campo, com experiências do local e o desenvolvimento voltados para o fortalecimento da especificidade da Educação do Campo. Os municípios que responderam ao convite neste momento foram o de Comodoro e Terra Nova do Norte. E em Cuiabá mobilizamos a Escola Estadual Padre Ernesto Camilo Barreto junto a mestranda (Eliete Porto) do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNEMAT, onde foram desenvolvidas oficinas juntos aos estudantes dos primeiro e segundo anos do Ensino Médio, e a Escola Estadual Ferreira Mendes. E o resultado foi gratificante quanto a produção de artigos voltados para as vivências destes estudantes, o que me possibilitou a orientação de dois artigos científicos, um voltado para valorização do saber local, a partir do modo de vida de uma comunidade rural, onde a estudante, mesmo morando na cidade, traz consigo a importância da vivência dos seus avós paternos; e o outro artigo sobre o movimento em prol da defesa e debate da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mobilidade presente nas comunidades rurais, onde os fatos e fatores merecem ser estudados no contexto dos povos tradicionais, quilombolas e indígenas.

Em 2022 continuei como colaboradora da II Mostra Científica e da I Olimpíada Nacional Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas (Pereira, 2022).

Figura 23. Cartaz da I Mostra Nacional Científica de Povos Tradicionais Quilombolas e Indígenas 2021



Fonte: acervo da autora, 2022.

Agora, em abrangência em nível nacional, amplia a possibilidade de outras unidades federativa participarem, observamos que esta temática da visibilidade e voz aos povos originários e as que verdadeiramente construíram este país e a sabedoria de sua mentora abre perspectiva imensurável no envolvimento de jovens da rede pública de avançar nos estudos com visão ampliada e decolonial, podendo dizer “Eu sou de origem indígena” como foi a apresentação de um artigo, onde a descendente de povos originários relata o preconceito sofrido em espaço além da escola. Chaveiro (2022) reflete sobre o sentido da sabedoria e a geografia:

[...] a sabedoria é muito simples: basta uma pessoa se ver no universo social, histórico e cultural em que se encontra e, ao se ver, ative as forças biófilas, o amor pela vida. Nesse ponto, o geógrafo francês Paul Claval foi sintético ao decifrar a grande tarefa dos geógrafos. Fazer geografia, dizia ele, é saber como as pessoas vivem. Para as pessoas viverem, elas estabelecem relações espaciais. Essas relações situam os sujeitos no mundo e, daí, em suas tensões, conflitos e possibilidades (CHAVEIRO, 2022, p. 01).

O projeto desenvolvido pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) possibilita dar visibilidade aos povos tradicionais, quilombolas e originários e se tornou um dos poucos projetos que dão visibilidade a estes sujeitos, e vazão ao conhecimento e sentimentos reprimidos pela estrutura do sistema. Desta forma, o legado deste movimento por meio da Bolsa Jr oferecida pelo CNPq é uma forma que a Mentora do projeto, Professora Dra. Lisanil Pereira proporciona a Iniciação Científica e a prática da escrita socialmente aprimorada e analisada, sobre a relação existente entre o modo de vida e o mundo envolvente.

Nessa sequência, a professora Sônia Gonçalina, que é pioneira na luta por melhoria na educação do campo relata sua participação como mobilizadora na produção de textos e inserção dos alunos na Mostra Científica.

Sônia relata sua participação nesses cinco anos de Produção Científica ofertada pela UNEMAT, em parceria com as escolas estaduais da região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá e o entorno. Nesse sentido, com a produção de artigos dos estudantes do Ensino Médio dos 1º e 2º anos das escolas do campo, quilombolas e povos originários, com a orientação dos professores que aceitam o desafio de ser os orientadores desses estudantes.

Ela destaca as escolas que acompanharam os trabalhos dos estudantes: Escola do Campo Nagib Saad, Santana do Taquaral, Santa Claudina - Sala Anexa

do Porto de Fora, Irmão dos Caminhos, Luiza Soares Boabaid, José de Lima Barros, Benedita Augusta Lemes e dois estudantes de escolas que não tiveram professores para orientar, coube a ela orientar e ajudar no que foi possível.

Continua, em seu relato, que iniciou a participar voluntariamente na Mostra Científica nos três primeiros anos em nível municipal; no segundo, além de participar ativamente de tudo, ela escreveu um artigo sobre a Formação continuada para Gestores das escolas do Campo, pois estava no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO) como Professora formadora da Educação do/no Campo. Sônia conta com entusiasmo de sua trajetória de participação nos quatro anos até o presente momento: Local 2017, Municipal durante 2 anos em 2018 e 2019, Estadual em 2021, Nacional em 2022.

Para a professora, o importante é o significado para os estudantes: Alegria de estar participando, escrevendo, dando sugestão, realizando a prática e a teoria. O brilho nos olhos de ser protagonista de sua própria ação na pesquisa. Ter um currículo lates e uma bolsa no CNPq Junior da UNEMAT, mesmo que seja uma simples contribuição. Ver os estudantes apresentando o seu trabalho é muito gratificante, afirma a Dra. Sônia.

## **CAPÍTULO VI**

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Este capítulo descreve a participação dos alunos, das famílias, dos professores e da comunidade nos cinco Projetos de Iniciação Científica no decorrer do ano de 2022, assim como dos estudantes da Escola Nagib Saad, comunidade Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio do Leverger – MT e apresenta os resultados obtidos durante a investigação.

#### **6.1 Dinâmica temporal do projeto de iniciação científica CNPq na Agrovila das Palmeiras**

O projeto de Iniciação Científica foi inserido no Município de Santo Antônio de Leverger, em Agrovila das Palmeiras no ano de 2015. Nos últimos anos, a comunidade tem sofrido uma pressão econômica e social, que favorece o êxodo rural, principalmente dos jovens, que partem em busca de empregos e de estudo em áreas em que podem ser inseridos no mercado de trabalho das cidades. Com isso, houve uma mudança na estrutura da comunidade, pois esses jovens ajudam suas famílias na roça e em outras atividades que visam a manutenção da família e, indiretamente, da comunidade. Desse modo, um das atribuições dos Bolsistas das comunidades os bolsistas Júnior/CNPq é criar condições necessárias para inserir os jovens da área rural na interface entre extensão pensamento racional e mais próximo da verdade, criando possibilidades de colocar o aluno desde cedo em contato direto com a atividade científica e engajá-lo na pesquisa.

Nesse sentido, este estudo apresenta a trajetória de participação de cinco bolsistas, com a finalidade de observar o desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades sociais e econômicas, de natureza comum.

De início, é abordada a trajetória de Daniela Gonçalves Neto, 21 anos, ex-Bolsista do Projeto de Iniciação Científica Júnior, estudante regular no Curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Sua inserção no Ensino Superior se deu após o início de suas pesquisas no Projeto de Iniciação Científica Júnior, com orientação da professora em Geografia e professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Dra. Lisanil Conceição Patrocínio Pereira.



Daniela, vinda de comunidade remanescente de quilombo, hoje faz parte dos dados que calculam a porcentagem de jovens que cursam o Ensino Superior no Brasil. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Semesp (Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação), apenas 18,1% dos jovens de 18 a 24 anos estão matriculados no ensino superior (Figura 24).

Figura 24. Daniela Gonçalves Neto, estudante de Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

Bolsista do Projeto de Iniciação Científica Júnior, Daniela recebeu o auxílio de R\$100,00/mês durante seis meses. Após a finalização do Ensino Médio, prestou vestibular incentivada e é hoje aluna regular do curso de Geografia na UFMT. Vinda da Comunidade Minauro, em Poconé, Daniela é mais uma das jovens que deixam o interior do Estado para cursar o Ensino Superior. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), apenas 46,7 mil alunos cursam o Ensino Superior público em Mato Grosso. Para Daniela, como uma geógrafa, se alguém deseja uma vida mais longa, é fundamental motivar a sociedade para o reflorestamento.

Outro sujeito da pesquisa, Geraldo Mariano, 22 anos, estudante de Engenharia Florestal na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e morador da comunidade Agrovila das Palmeiras é um dos que se inseriram no Ensino Superior após sua passagem como bolsista de Iniciação Científica Júnior. Então foi bolsista por seis meses, à época, com apenas 16 anos.

Geraldo Mariano, 22 anos ex-Bolsista do Projeto de Iniciação Científica Júnior Estudante regular no Curso de Engenharia Florestal na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Estagiário do Projeto Campo à Mesa (Figura 25).

Figura 25. Troca de experimentações na produção das mudas: Geraldo Mariano e a Doutora Lisanil Patrocínio Pereira



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

“O projeto fomentou minha vontade de entrar na Universidade” (Mariano, 2022). Segundo ele, o projeto foi um estímulo para ingressar no Ensino Superior. “O projeto despertou em mim a vontade de estudar e fomentar a pesquisa”, reforça. Mariano, sempre que possível, por meio de relatos, palestras e rodas de conversa, reforça para sua comunidade a importância do ensino, da pesquisa e da extensão, sobretudo quando se trata da importância dos projetos que participa, da pesquisa e da formação superior na potencialização da produção e crescimento de sua Comunidade.

No entanto, nem sempre foi assim. Em sua Comunidade, Mariano relata que nem todos tiveram a mesma pretensão de cursar o Ensino Superior. Após sua passagem pelo projeto, iniciou seus estudos em Cáceres, no Instituto Federal de Mato

Grosso (IFMT), estimulado pelo projeto em seguir com suas pesquisas. Um tempo depois, prestou vestibular e ingressou na Universidade Federal de Mato Grosso, onde pretende se formar e seguir a carreira de pesquisador. Na Agrovila das Palmeiras, ele faz parte do Projeto Do Campo à Mesa, acompanhando o produtor desde a produção até a venda final. Na Comunidade, cinco famílias são atendidas pelo Projeto, do qual Mariano é estagiário.

Eu posso dizer sobre a iniciação científica foi que mudou minha visão, assim, de futuro, sabe, a gente começou atrás eu e os outros alunos, entendeu? No começo, pelo menos para mim, particular, porque eu sinto uma pessoa de vergonha apresentar os trabalhos até na escola, sabe, que era complicado, hoje em dia, graças a Deus, tenho mais confiança para apresentação do trabalho, tranquilo, sem estar nervoso, consegui ampliar minha visão de conhecimento porque igual, por exemplo, a gente nunca, eu nunca tinha saído do Mato Grosso, estive duas vezes em Goiânia apresentando trabalho, entendeu? Tipo assim, foi muito importante a nossa afirmação, a vida foi meio corrida, mas graças a Deus assim que terminar o Ensino Médio, logo de cara já consegui passar no vestibular do IFMT e fazia Agronomia integral, o dia inteiro, meus pais, por não terem condições, sabe, de estar me ajudando a me manter aqui, eu recebia apenas auxílio alimentação. Não me recordo, auxílio de alimentação, aí vem agora na memória, mas é uma correria, a gente continua e ainda segurei dois anos ainda na agronomia integral, é que eu comecei a trabalhar à noite com o serviço que apareceu, é complicado sabe, ainda mais que é um pouco mais para indicação consegui um serviço depois de um ano aqui no serviço de porteiro foi trabalhar o horário 36 horas, tive que desistir da faculdade, mas gostaria muito de ter terminado, era o meu sonho. Hoje faço a faculdade eu e estou trabalhando, estou correndo atrás, estou estudando, faço administração por uma faculdade particular, mas estou fazendo, não vou parar, essa eu vou terminar, eu não posso desistir. Porque tem uma coisa que eu aprendi também, na Iniciação Científica, da emoção, então eu ficarei. Na hora que eu vejo esse vídeo, assim, lá quando eu iniciei era um rapaz nervoso e inseguro, nervoso para falar no microfone, algo assim, depois quando eu saí e terminei a bolsa, estou mais confiante e dominando da parte de conteúdo. Sinceramente, só tenho a agradecer, porque as Professoras Rose e Lisanil, por estar sempre com a gente. Tem outros professores também que estavam sempre junto com a gente, falar de todos, professor Marcos, então até a agradecer a Deus e falar também que além disso o meu irmão Elizeu e agora tentando também o mesmo caminho que eu tentei, tentando a Faculdade Federal Agronomia, também tem vontade de fazer. Sim, a gente está correndo atrás, né, correr atrás e agradecer a Deus pela saúde da gente tem ele é isso aí de sair conhecer outras pessoas fazendo novas amizades hoje tem amizade pessoal que eu tenho, o pessoal quando era bolsista ainda tem essa conversa até hoje sabe, então monte de algo já até casaram. Então, graças a Deus. É isso aí, tem que agradecer a oportunidade. Agradecer professora Lisanil, é tudo que tiverem apoiando a gente. (MARIANO, 2022).

Luiz Guilherme, outro entrevistado, é aluno da instituição Escola do Campo Nagib Saad, onde foi iniciado no projeto do colorau como fonte de renda, é um dos alunos que foi selecionado com a bolsa escolar contudo, após o projeto, no momento em que ele foi contemplado com a bolsa, quando lhe foi solicitada a documentação

necessária para cumprir com a parte burocrática, identificou-se que o mesmo não possuía identidade e, para fazer esse documento, ele teria que vir para o centro da cidade. Por ser menor de idade, era necessário estar com a Certidão de Nascimento e ter o acompanhamento de um responsável maior de 18 anos, nesse momento. Veio à tona a seguinte situação: os pais do aluno são divorciados.

Luiz Guilherme, 19 anos, ex-Bolsista do Projeto de Iniciação Científica Júnior (Figura 26).

Figura 26. Mestranda Eliete Porto orientando Luiz Guilherme na produção de texto para a Mostra



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo da autora, 2022.

Apesar de residir em Cuiabá, o aluno morava com os avós paternos, após alguns problemas, teve que ir morar com os avós maternos, mas para a resolução do problema da documentação foi passado o contato do pai, porém uma resistência por parte do pai para trazer a Certidão e até para levar o aluno para fazer a Identidade foi um entrave para se resolver a situação. Em contato com o pai, foi explicado que era de suma importância, pois ele ganharia uma bolsa pela sua participação, mas o pai questionava pelo fato do lugar que ele morava por ser zona rural, então foi dito ao pai que, se trouxesse a Certidão, a própria pesquisadora levaria o aluno para fazer a documentação. Assim foi feito, Luiz Guilherme veio da cidade e, acompanhado da

professora, pode providenciar sua identidade. Após, voltou para onde ele mora que, é a comunidade de Agrovila das Palmeiras.

Após estar com o protocolo em mãos e após o prazo de 20 dias, a professora buscou a identidade de Luiz Guilherme, pois o pai falou que não tinha como levar. Decorrido este fato, outra dificuldade se apresentara no momento em houve a necessidade de abertura de conta no banco para o recebimento do valor da bolsa, pois tanto o pai quanto a mãe afirmaram não ter tempo e até enviaram um áudio solicitando que a universidade desistisse do aluno. Como se observa, foram várias as dificuldades encontradas para que este aluno pudesse ser bolsista.

Com as atividades acadêmicas no Quilombo Sangradouro, a partir de uma solicitação do estudante da Educação de Jovens e Adultos – EJA, de sala anexa, o mesmo reivindicou a professora – mestranda Rosilene Maruyama que gostaria que o Quilombo Sangradouro fosse reconhecido.

Hoje os descendentes do quilombo buscam o reconhecimento e a regularização de seus territórios, fornecidos pela Fundação Palmares. Esse direito das comunidades Quilombolas é garantido pela Constituição Federal de 1988.

Artigo 68. Aos remanescentes da comunidade dos quilombos que estejam ocupando as suas terras são reconhecidos a propriedade definitiva, tendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL, 1988).

Assim, foi organizada uma mobilização dessa mestranda que sensibilizou sua orientadora e, juntas, realizaram um evento na comunidade Quilombola Sangradouro com a presença da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), representante de Mato Grosso e representantes das autoridades locais: SubPrefeitura da Agrovila das Palmeiras e da Câmara municipal.

Com a presença em massa dos moradores, optou-se pela dinâmica de organizar dois grupos, um com a representante da CONAQ e o outro com as autoridades locais, com o objetivo de traçar ações de reconhecimento daquele território quilombola, mas também de ações da prefeitura para aquele local.

Segundo a Representante da CONAQ, o reconhecimento se dá por auto declaração e desta reunião foi elaborado um documento com as falas dos presentes, inclusive a partir de apresentação de documentos, como mapa e atas. Dentre essas falas, registra-se que os presentes lamentaram a construção de represas nos rios por parte dos fazendeiros e, ainda solicitaram permissão para visitar o cemitério que ficava

na parte dos fazendeiros, além de reclamarem que estes fazendeiros eram os detentores da parte da terra mais produtiva.

Terminado o encontro, ficou decidido que documento seria entregue ao representante da CONAQ, para as devidas providências. Na oportunidade, por parte das autoridades local, uma das ações definidas foi a criação de uma feira para a comercialização dos produtos locais.

Desse modo, a primeira feira foi organizada pelo Seu Joelcio, o estudante da EJA, juntamente com a professora Mestranda da UNEMAT, Rosilene Maruyama, que organizou o folder, mobilizou a comunidade e convidou os acadêmicos da UNEMAT e a Equipe da Mobilização da I Mostra Científica dos Povos Tradicionais Indígenas e Quilombolas para prestigiarem a feira.

Segundo seu Joelcio, a feira está em funcionamento e por motivação este participou da I Mostra Científica dos Povos Tradicionais Indígenas e Quilombolas com a apresentação do artigo denominado “A Feira do Quilombo Sangradouro, em Santo Antônio do Leverger”, que lhe oportunizou concorrer com a bolsa de Iniciação Científica, uma vez que seu artigo foi classificado em primeiro lugar.

O seu Joelcio participou presencialmente do Evento da Mostra Científica que ocorreu na UFMT e expôs seus produtos na feira organizada (Figura 27).



Figura 27. Feira da I Mostra Científica do Povos Tradicionais Indígenas e Quilombolas



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo da autora, 2022.

Dessa forma, o Senhor Joelcio tomou gosto pela escrita e se inscreveu na II Mostra e I Olimpíada Nacional dos Povos Tradicionais Indígenas e Quilombolas, com a apresentação de um artigo, “Práticas caseiras de fazer o melado/xarope do jatobazeiro ou jatobá”. Ele formou-se e chamou para madrinha a professora Rosilene Maruyama, que o motivou a buscar pelos seus direitos garantidos na Constituição Federal. Este momento ímpar de sua formatura foi registrado (Figura 28).

Figura 28. Formatura da Turma de EJA do seu Joelcio em 2022



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Logo abaixo, visualiza-se a equipe de mobilização “tirando leite de pedra”, dando início à primeira visita na Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), para um diálogo com as Superintendências de Diversidades Educacionais (SUDE). Na oportunidade, estiveram presentes a Coordenadoria de Educação Escolar Indígena e Coordenadoria de Educação do Campo e Quilombola e representantes da Superintendência da Educação Básicas (SUEB), Coordenadoria de Educação Escolar Indígena (SUDI) no dia 24 janeiro 2023 na Superintendente e Coordenadoria de Educação do Campo e Quilombola, com a finalidade de apresentar a Mostra Científica Nacional 2023 dos povos tradicionais do Estado de Mato Grosso (Figura 29).



Figura 29. Equipe de mobilização



Fonte: acervo da autora (2023).

O trabalho realizado e aqui registrado evidencia que, quando se auxilia o jovem em sua inserção na Iniciação Científica, colabora-se com a sua inserção na universidade e na construção de sua trajetória profissional, assim como a construção do projeto de vida, dando maior autonomia para que se estabeleça como protagonista de seu processo de inserção profissional e da construção de seu futuro. Nessa perspectiva, ocorre a luta por uma educação pública gratuita, laica, democrática, inclusiva e de qualidade social que ofereça formação ampliada para os sujeitos que vão transformar a realidade, por isso não se pode abrir mão do ensino crítico, criativo e emancipatório.

Os bolsistas Júnior/CNPq das Escolas inseridas nos projetos nas comunidades são orientados a criar condições necessárias e a incentivar a permanência dos jovens na comunidade em que estão inseridos e nas áreas do entorno. Com isto, intenciona-se proporcionar estudos de reconhecimento e identificação cultural, econômica, espacial, da comunidade e circunvizinhas, resgatando laços históricos sociais; preparando profissionais para a atuação das atividades no campo, possibilitando o acesso ao conhecimento das formas de produção agropecuária, segundo os princípios da Agroecologia. Além disso, busca-se atender à demanda regional para a

produção, consumo, comércio e distribuição, através de assessoria, orientação e gerenciamento dos processos e transformação de produtos agropecuários, segundo os princípios da Agroecologia; possibilitando estudos e pesquisas voltadas para o planejamento e para o desenvolvimento da produção e organização do espaço geográfico das áreas das comunidades de pequenos agricultores da região (Pereira, 2022).

Nessa perspectiva, a universidade cumpre com o seu papel ao se aproximar da sociedade com ações concretas que possibilitem mudanças de posturas, como economia, solidária e a preservação do meio ambiente e sustentabilidade, comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global, através do saber cultural, patrimônio imaterial do povo matogrossense e que precisa ser valorizado e mantido. (Siqueira, 2022).

Com tal intuito é que foram realizadas entrevistas com 5 (cinco) alunos do Ensino Médio, bolsistas de Iniciação Científica Junior da Escola de Campo Nagib Saad da comunidade Agrovila das Palmeiras. Foi aplicado um roteiro de entrevistas, e buscou-se conhecer o perfil dos bolsistas, os benefícios e a importância da participação destes alunos nos Projetos de Bolsas de Iniciação Científica Junior, através da sua compreensão. Todos assinaram o termo em participar da pesquisa de forma voluntária.

Relevante destacar que para ser bolsista, inicialmente, bastava redigir uma redação, com temas voltados para as necessidades/atividades da comunidade local e os melhores eram selecionados. Na época (2021), houve a participação de vinte e um alunos da Escola Nagib Saad, sendo que sete foram selecionados. Atualmente, para concorrer à bolsa de Iniciação Científica Junior é necessário elaborar um artigo científico.

Um dos bolsistas, Elias, estudou na Nagib Saad, lá terminou o Ensino Médio e recebeu bolsa do CNPq nos anos de 2016 e 2017, cursou três anos de Agronomia, mas desistiu e agora está fazendo Administração, sendo que faltam dois anos para terminar o curso e, atualmente, ele tem 24 anos. Entende que a escola lhe apoiou muito, em todos os sentidos e especialmente com o Projeto de Iniciação Científica Junior, que lhe acrescentou maior conhecimento.

Já o bolsista Eliseu tem 18 anos, terminou o Ensino Médio no ano de 2022, foi bolsista em 2021, fez vestibular para Agronomia, mas infelizmente não conseguiu

passar. Pretende fazer outro curso de faculdade, mas por enquanto está trabalhando. Acrescenta que o projeto de Bolsista na Escola Nagib Saad lhe oportunizou ampliar seu conhecimento sobre muitas atividades e lhe “abriu portas para muitas coisas”.

A Bolsista Elizandra tem 43 anos, está terminando o Ensino Médio neste ano (2023) e em 2022, foi bolsista do CNPq. Este ano pretende fazer outro artigo para prorrogar a bolsa por mais seis meses e deseja fazer um Curso Técnico de Enfermagem. “Mas antes disso, fiquei 20 anos fora da sala de aula. Mas nunca é tarde pra recomeçar”, disse a aluna. Mãe do aluno Eliseu, que também foi bolsista, afirma que “[...] a escola é uma segunda família, porque me apoiou muito, e aos meus filhos”. A bolsista teve como mentora a Prof.<sup>a</sup> Dra. Lisanil Pereira.

Francielle, estudante do Ensino Médio da Escola de Campo Nagib Saad foi bolsista no decorrer do ano de 2022. Descreve que conhece a realidade da comunidade Agrovila das Palmeiras, pois seu Trabalho Final de Curso (TFC) foi sobre a comunidade, o que lhe oportunizou conhecer melhor o local, e os desafios de morar ali.

Danielle foi bolsista do Projeto de Iniciação Científica Júnior (2022) e, após a finalização do Ensino Médio, prestou vestibular incentivada e hoje é aluna regular do curso de Geografia na UFMT. Vinda da Comunidade Minauro, em Poconé, Daniela é mais uma das jovens que deixam o interior do Estado para cursar o Ensino Superior.

Geraldo é estudante de Engenharia Florestal na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e morador da comunidade Agrovila das Palmeiras, tem 22 anos, é um dos estudantes que se inseriram no Ensino Superior após sua passagem como bolsista de Iniciação Científica Júnior, do qual foi bolsista por seis meses, à época com apenas 16 anos.

Percebe-se que a participação dos estudantes em programas de iniciação científica motiva os mesmos, bem como oportuniza ampliar seus conhecimentos com o aprendizado ou na troca de saberes, permitindo que desenvolvam o pensar científico e se relacionem com o desenvolvimento da ciência. Sobre isso, Pedro Demo enfatiza que: “[...] é consenso a sua importância para a formação do pesquisador e para a iniciação na produção do conhecimento [...]”, aprimorando a “[...] habilidade metodológica do aluno de graduação, à medida que aprende a lidar com dados, tabelas, questionários, teorias” (DEMO, 2009, p. 2).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permite reafirmar que, no século XXI a educação ainda é vista por muitas pessoas como a possibilidade de construção de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, capaz de transformar a realidade. Nesse sentido, à educação recai a expectativa/responsabilidade pelas mudanças mais necessárias que a humanidade deve passar. Nesse sentido, esta pesquisa buscou, a partir dos relatos dos participantes, apontar as contribuições da Iniciação Científica para a formação de estudantes pesquisadores, além de reforçar a relevância dos programas de Iniciação Científica para a concretização dos objetivos e finalidades, não só pessoais, mas institucionais de educação.

O estudo permite inferir que cabe a todos a busca por uma sociedade capaz de lutar por igualdade e a justiça na diversidade cultural, atenta e tolerante às pluralidades. Uma escola que tenha como eixo central a interculturalidade como prerrogativa para o encontro e o diálogo entre os diferentes, extinguindo toda e qualquer educação monocultura, etnocêntrico e excludente.

Neste cenário, a decolonialidade contribui para a desconstrução de “verdades” seculares e impositivas que permeiam a sociedade como um projeto normal de exclusão e desenvolvimento do ser e do saber. Aponta para o papel da América no sistema mundo a partir de descolonização, passível de transformações importantes para que o opressor repense sua prática, sobretudo no papel da Geografia, oportunizando uma formação na perspectiva da interculturalidade crítica a partir do espaço que cada um ocupa. Esses movimentos passam pela resignificação de determinados termos como “negro” e “raça” na busca pela desconstrução de mentalidades racistas e visões etnocentristas sobre a nossa própria construção de nossa identidade.

A literatura pesquisada trouxe à tona os inúmeros desafios da Geografia, enfrentados enquanto disciplina escolar, tanto no âmbito do ensino e da formação acadêmica. Embora a ideia da colonialidade tenha sido mais presente no pensar-fazer dos geógrafos brasileiros, ainda há muito o que fazer para se romper a lógica colonial naturalizada. E o professor tem um importante papel na desconstrução do pensamento colonial, cuja ideia perpassa pela incessante busca por uma educação pública de qualidade, justa, crítica e humanista.

À medida em que se expõe a colonialidade e criam-se espaços para ampla discussão nos sistemas de ensino e acadêmico, a partir da perspectiva do outro, é possível uma mudança de paradigmas como premissa para repensarmos a lógica da pedagogia decolonial.

A partir dessa visão, os Programas de Iniciação Científica possibilitam os primeiros passos para entrar no mundo das pesquisas de forma humanística, criativa, de inovação na sociedade e científica. É inegável a importância destes programas para a formação educacional dos alunos que deles participam. Assim, entende-se que a IC representa uma experiência de sucesso na complementação da formação acadêmica e pessoal do universitário e no encaminhamento para a pesquisa e a formação profissional.

O aluno de Geografia, como de tantos outros cursos que realizam a pesquisa científica e que tem contato direto com esse trabalho, tem várias atividades com etapas de realização do projeto; testar técnicas experimentais; reunir bibliografia; testar hipóteses; desenvolver uma metodologia; comparar resultados a fim de elaborar conclusões e através dessas respostas obter seus esclarecimentos a respeito do que foi estudado.

A realização desta pesquisa e o processo relatado pelos bolsistas possibilitou examinar as potencialidades e os desafios empregados na orientação de estudantes da educação do Ensino Médio da Comunidade Agrovila das Palmeiras, bem como fomentar a continuidade para tal prática em múltiplos espaços. Para os alunos, o Programa estimulou o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, despertando-os para o interesse da pesquisa científica.

Ao concluir este estudo, interessante se faz sugerir que os Programas de Iniciação Científica e outros sejam implantados, ampliados ou continuados, principalmente em comunidades pouco assistidas pelas políticas públicas, importantes para valorizar e incentivar nossos jovens e familiares, reforçando o estímulo ao ato do conhecimento e no sucesso dos mesmos, melhor preparando o cidadão para o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.E.; SILVA, M.G.M. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 7, n. 1, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5676>. Acesso: 28 jun. 2023.
- ALVES, M.Z.; DAYRELL, J.T. Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1455-1471, dez., 2015.
- ANTUNES, C. **As inteligências múltiplas inteligências e seus estímulos**. 15ed. Campinas: Papirus, 2009.
- BARBOSA, M.; FERREIRA, D.H.L. Iniciação Científica no Ensino Médio. In: **Anais 2º Congresso Nacional de Educação** de Poços de Caldas, 2018 v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.educacaopocos.com.br/Anais/anais2018.html>. Acesso: 30 jan. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977], 2016.
- BOAVENTURA, S.S. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Trilce Extensión Universitaria, 2010.
- BOMBARDI, L.M. A dialética e a geografia agrária na obra de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. In: **Geografia Agrária: teoria e poder**. In FERNANDES, B.M.; MARQUES, M.I.M.; SUZUKI, J.C. (org.). São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- BRASIL. **Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4080268&disposition=inline>. Acesso: 30 jun. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm). Acesso: 30 jun. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 13.465, de 11 de julho de 2017**. Dispõe sobre a regularização fundiária rural e urbana, sobre a liquidação de créditos concedidos aos assentados da reforma agrária e sobre a regularização fundiária no âmbito da Amazônia Legal; institui mecanismos para aprimorar a eficiência dos procedimentos de alienação de imóveis da União; altera as Leis n<sup>os</sup> 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, 13.001, de 20 de junho de 2014; 11.952, de 25 de junho de 2009, 13.340, de 28 de setembro de 2016, 8.666,

de 21 de junho de 1993, 6.015, de 31 de dezembro de 1973, 12.512, de 14 de outubro de 2011, 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), 13.105, de 16 de março de 2015 (Código de Processo Civil), 11.977, de 7 de julho de 2009, 9.514, de 20 de novembro de 1997, 11.124, de 16 de junho de 2005, 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 10.257, de 10 de julho de 2001, 12.651, de 25 de maio de 2012, 13.240, de 30 de dezembro de 2015, 9.636, de 15 de maio de 1998, 8.036, de 11 de maio de 1990, 13.139, de 26 de junho de 2015, 11.483, de 31 de maio de 2007, e a 12.712, de 30 de agosto de 2012, a Medida Provisória nº 2.220, de 4 de setembro de 2001, e os Decretos-Leis nº 2.398, de 21 de dezembro de 1987, 1.876, de 15 de julho de 1981, 9.760, de 5 de setembro de 1946, e 3.365, de 21 de junho de 1941; revoga dispositivos da Lei Complementar nº 76, de 6 de julho de 1993, e da Lei nº 13.347, de 10 de outubro de 2016; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13465.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13465.htm). Acesso: 30 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Bolsa de Iniciação Científica Junior**. Publicado em 22 nov. 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/mds/pt-br/auxilio-brasil/copy\\_of\\_beneficiocompensatorio](https://www.gov.br/mds/pt-br/auxilio-brasil/copy_of_beneficiocompensatorio). Acesso: 20 jun. 2023.

CHAVEIRO, E.F. A Biblioteca e o Livro da sabedoria. In **Coluna Opinião** - Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais São Paulo. São Paulo: Assertiva Editora, 2022. Disponível em: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opinioao>. Acesso: 03 jan. 2023.

CLAVAL, P. **Les espaces de la politique**. Paris: Armand Colin, 2010. doi: 10.3917/arco.clava.2010.01.

COELHO, B. **Pesquisa científica**: um guia completo com classificações e metodologia. Publicado em 11 jun. 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-cientifica/>. Acesso: 14 nov. 2022.

CORRÊA, L.A. **Tradição e transformações socioculturais na Comunidade Restauração-Mato Grosso**. Planaltina: UnB, 2013. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7411/1/2013\\_LudioAraujoCorrea.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7411/1/2013_LudioAraujoCorrea.pdf). Acesso: 22 jun. 2023.

DEMO, P. Professor e Pesquisa. In DEMO, P. **Pesquisa**: fundamento docente e discente. 2009. Disponível em: <https://docs.google.com/document/pub?id=1xWTfZfemIJWrpZfD6grDHO4V6uVjOzWvm31aJ8JJIHo>. Acesso em: 11 jun. 2023.

DUSSEL, E. **O encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Conferências de Frankfurt. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra**: novas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: UNAULA, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GALVÃO, M.E.C.G. A Marcha para o Oeste na Experiência da Expedição Roncador-Xingú. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**–ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890981\\_ARQUIVO\\_MarchaparaoOeste.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890981_ARQUIVO_MarchaparaoOeste.pdf). Acesso: 22 jun. 2023.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, A.P. **A crise agrária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOFFMANN, A. **Convergência tecnológica e de conhecimento na agricultura**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Brasília: EMBRAPA, 2015

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil e a linha da pobreza**. Publicado em 19 nov. 2022. Disponível em: <https://www.portal.ibge.gov.br>. Acesso: 22 jun. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Santo Antonio de Leverger, MT. Publicado em 11 dez. 2021. Disponível em: <http://www.portal.ibge.gov.br>. Acesso: 28 jun. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Santo Antônio do Leverger**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso: 15 jun. 2023.

IMBERNÓN, F. **Inovar o ensino e a aprendizagem na Universidade**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2012. (Questões da nossa época, v. 40).

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, J.C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. In **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LIBÂNEO, J.C. **Palestra**. In: Sindicato-SP, 10 de junho de 2012. Duração: 1h: 50 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcZEWkA8--E>. Acesso: 22 jan. 2023.

LOPES, M.J.P.; SOUZA JUNIOR, D.L. Iniciação Científica: Uma Análise de Sua Contribuição na Formação Acadêmica. In: **Revista CESUMAR**, jan./jun. 2017, v. 23, n. 1, p. 133-148.

MAIA, F.J.F.; FARIAS, M.H.V. Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 3, p. 577-596, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/wbtt55LdndtrwfkvRN5vqb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 18 jun. 2023.

MARÍN, J. Globalização, educação e diversidade cultural. In **Revista Tellus**, ano 6, n. 11, p. 35-60, Campo Grande–MS, out. 2006.



MARÍN, J. Interculturalidad, en el contexto de la globalización. In **Revista de Comunicação Científica**, RCC, Juara/MT/Brasil, v. 4, n. 1, p. 07-17, jan. /mar. 2019. p. 7-17.

MARQUES, M.I.M. Geografia agrária crítica: um pouco de história. In: **Geosp - Espaço e Tempo**, v. 22, n. 3, p. 504-514, dez. 2018.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. Tradução: Reginaldo Santana. 18ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MASSI, L.; QUEIROZ, S.L. (orgs). **Iniciação científica**: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no Ensino Superior brasileiro. São Paulo: UNESP, 2015.

MATO GROSSO. Produzir, Conservar, Incluir. **PCI. Produção Agropecuária e Florestal**. Publicado em nov. 2021. Disponível em: [assessoriainternacional@casacivil.mt.gov.br](mailto:assessoriainternacional@casacivil.mt.gov.br). Acesso: 25 jun. 2023.

MENDONÇA, E.F. Educação, pobreza e desigualdade social. In: **Pobreza, Direitos Humanos, Justiça e Educação**, (2017-2018), v.2, n. 1, 2020.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 29ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, A.C.R. **Geografia**: Pequena História Crítica. 20ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORENO, G. **Terra e Poder em Mato Grosso**. Políticas e mecanismos de Burla. Cuiabá: Entrelinhas, 2007.

NOGUEIRA, A.T.B. A obra de Ariovaldo Umbelino de Oliveira e o materialismo histórico: uma contribuição para os estudos do pensamento geográfico agrário. In: **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 14(1): 4-27, jan./jun. 2016.

OLIVEIRA, A.U. **A agricultura camponesa no Brasil**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, A.U. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. In: **Estudos Avançados**, 2001; 15 (43), p. 185-206.

OLIVEIRA, A.U. **Modo de Produção Capitalista**, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: FFLCH, 2007.

OLIVEIRA, L.F.; CANDAU, V.M.F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010.

OLIVEIRA, S.F.A. **Iniciação científica no Ensino Médio Técnico Integrado**: um estudo de caso no Instituto Federal Goiano. Campus Morrinhos. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Morrinhos: PROFEPT, 2020.

PEREIRA, L.C.P. A expansão da fronteira agrícola e a realidade da agricultura familiar em Lucas do Rio Verde. In **Revista Mato-grossense de Geografia**. Nº 05/06. Cuiabá: EdUFMT, 2001. p. 79-106.

PEREIRA, L.C.P. **Conhecimento, desafios, conflitos e percursos na Amazônia mato-grossense**. Curitiba: CRV, 2020.

PEREIRA, L.C.P.; SAVIO, A.F.; GRANDO, B.S.; MUNGO, E. A universidade vai às comunidades tradicionais e quilombolas na baixada cuiabana, Mato Grosso-Brasil, na interface de projetos de extensão e pesquisa em empreendimentos econômicos e solidários. In: **Revista Equador** (UFPI), v. 8, nº 3, p.214 -224, 2009.

PIMENTEL, A.E.B.; ABREU, L.S.; CONTRIGIANI, A.C. **Agricultura familiar**. Araras: UFSCar/CPOI, 2021. Disponível em: <https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/cpoi/agricultura-familiar.pdf>. Acesso: 21 jun. 2023.

PINHEIRO, F.M.L. A teoria dos direitos humanos. **THEMIS: Revista da Esmecc**, 2016;6(2), 111-122.

QUEIROZ, S.L. (orgs). **Iniciação científica**: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no Ensino Superior brasileiro. São Paulo: UNESP, 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Lander Edgardo. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROSA, E.S. **Pequena produção agrícola e espaços de comercialização nas áreas urbanas**: O caso da feira da Boa Morte: Cuiabá-MT. Monografia do Departamento de Geografia, ICHS, UFMT. Cuiabá: UFMT, 2007.

SAMPAIO, R.C. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTO ANTONIO DE LEVERGER. Prefeitura Municipal. **Agrovila Das Palmeiras**. Disponível em: <https://www.leverger.mt.gov.br/Imprensa/agroviladaspalmeiras>. Acesso: 15 jan. 2023.

SANTOS, A.R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. **Território e sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil**: território e sociedade no século XXI. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.G. **Implementação da Pedagogia Histórico-crítica na Educação do Campo de municípios baianos por meio da ação Escola da Terra**: contradições e possibilidades. São Carlos: UFSCar, 2020. Disponível em:

[https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13703/Tese\\_Manuel\\_Goncalves\\_dos\\_Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13703/Tese_Manuel_Goncalves_dos_Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso: 18 jun. 2023.

SILVA, A.M.D.; OLIVEIRA, E.M.; FERNANDES, M.A.C. O processo educacional do Brasil no período jesuítico. **Anais...** V CONEDU Congresso nacional de Educação. 2018. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA6\\_ID4665\\_09092018215456.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA6_ID4665_09092018215456.pdf). Acesso: 21 jun. 2023.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. 14ed. São Paulo: Contexto, 1998; 1995.

SIQUEIRA, E.F.L. Políticas Públicas Educacionais para a população do Campo e a inserção da Agricultura Familiar no Programa Nacional de Produção e uso de Biocombustível–PNPB: Interfaces e Controvérsias. Dissertação de Mestrado, ICHS/Departamento de Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso.-: UFES, Cuiabá, MT, 2011. FERREIRA, J.C.V. **Mato Grosso e Seus Municípios**. Cuiabá: SEDUC, 2001.

SOUZA, A.M. **Jovens e educação empreendedora**: que discurso é esse? Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006.

SOUZA, F.P.S.; SILVA, A.M.D.; OLIVEIRA, E.M.; FERNANDES, M.A.C. O processo educacional do Brasil no período jesuítico. **Anais...** V CONEDU Congresso Nacional de Educação. 2018. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA6\\_ID4665\\_09092018215456.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA6_ID4665_09092018215456.pdf). Acesso: 21 jun. 2023.

SOUZA, R.M. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

SOUZA, S.F. **Colonialidade do saber no ensino de Filosofia**: um estudo em duas Universidades Públicas de Belém. Belém: Universidade do Estado do Pará, 2017. Disponível em: [https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/11/sullivan\\_ferreira\\_de\\_souza.pdf](https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/11/sullivan_ferreira_de_souza.pdf). Acesso: 28 jun. 2023.

SUESS, R.C.; SILVA, A.S. A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. In **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 23, p. 2-16. 2019a.

SUESS, R.C.; SILVA, A.S. Decolonialidade e ensino de geografia: uma releitura do espaço geográfico. In **XIII ENANPEGE**. Geografia Brasileira na Ciência-Mundo, 2 a 7 de set. 2019b.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Paraná, 2009; 20 (01): 31-45.

TSUKAMOTO, R.Y. Produtor familiar e a monopolização do território pela capital industrial. **Rev. Geografia** (Londrina), 9(2), 129–136, 2000. <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2000v9n2p129>. Acesso: 28 jun. 2023.

ZANDONADI, B.M. **O agroturismo e as transformações sócio-espaciais em Venda Nova do Imigrante, ES**. Vitória: UFPES, 2014.

## APÊNDICE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título da Pesquisa: **Iniciação Científica: uma análise de sua contribuição na formação acadêmica de estudantes da comunidade rural da Agrovila das Palmeiras em Mato Grosso.**

Pesquisadora responsável direta pelas entrevistas – Eliete Jesus Porto. Telefone para contato (65) 9.9268-9490. Pesquisadora Orientadora: Professora Doutora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira. O objetivo desta pesquisa é demonstrar a importância da Iniciação Científica na formação acadêmica e na decisão profissional de alunos da comunidade rural da Agrovila das Palmeiras.

A coleta será realizada com o uso de dois instrumentos: Um questionário contendo 18 questões para embasar a pesquisa exploratória para percepção das impressões e representações dos sujeitos acerca do impacto dos referidos projetos de extensão para a Iniciação Científica. O critério de inclusão dos sujeitos da pesquisa será ter residência fixa na comunidade rural da Agrovila das Palmeiras em Mato Grosso.

♦ Nome e Assinatura da pesquisadora:

---

♦ CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da  
pesquisa acima referida, contribuindo com a entrevista. Fui devidamente informado(a)  
e esclarecido pela pesquisadora responsável, professora ELIETE JESUS PORTO,  
sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido o sigilo das  
informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que  
isto leve a qualquer penalidade.

Local e data \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura do entrevistado ou responsável

\_\_\_\_\_

## ANEXO I

### Roteiro de entrevistas com os sujeitos da comunidade

1. Estou de pleno acordo em participar desta pesquisa  
( ) Sim      ( ) Não
2. Qual a sua escolaridade? \_\_\_\_\_
3. Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_
4. Quais serviços públicos existem na comunidade? Saúde/educação/transporte/transporte escolar/outros.
5. Na sua opinião, quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos moradores da comunidade?
6. Na sua opinião, qual a importância da educação pública na comunidade?
7. Qual a importância da bolsa de Iniciação Científica?
8. Como a escola apoiou a sua pesquisa?
9. Quais são suas perspectivas futuras?
10. Quais manifestações artísticas populares que você recorda que existiam antigamente, como danças, festas ou crenças religiosas? Quais ainda existem?
11. O acesso à educação modifica ou fortalece sua identidade?